

VANDA MARIA ANSELMO MIGUEL SABINO PEDRO

VIOLÊNCIA CONJUGAL EM FAMILIAS DA CIDADE DE BENGUELA

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte (ISCS-N) para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação do Professor Doutor José Carlos Caldas

BENGUELA/2011

VIOLÊNCIA CONJUGAL EM FAMILIAS DA CIDADE DE BENGUELA

VANDA MARIA ANSELMO MIGUEL SABINO PEDRO

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte (ISCS-N) para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação do Professor Doutor José Carlos Caldas

ORIENTADOR: Dr. JOSÉ CARLOS CALDAS

PORTO, 2012

RESUMO

O presente estudo aborda o tema “ violência conjugal em casais da cidade de Benguela, com objectivo de avaliar a prevalência de cada um dos comportamentos de violência nesta amostra da população Angolana. Realizou-se um estudo do tipo transversal descritivo, e exploratório e comparativo. Colectou-se os dados na cidade de Benguela nomeadamente no hospital Central de Benguela postos de saúde, promoção da mulher, direcção da O.M.A , investigação criminal escolas publicas, colégios privados no ano de 2011.

Para implementação do estudo privilegiou-se a pesquisa bibliográfica, os métodos técnicas e processamento de dados. O estudo baseou-se numa pesquisa do tipo transversal descritivo, exploratório e comparativo, abrangiu 400 sujeitos, incluindo 200 do género feminino e 200 do género masculino ,divididos pelas, zonas rural urbana, e periférica .Onde concluiu-se que os homens, apresentam maior violência física do que as mulheres, e que os comportamentos de violência com mais prevalência tanto nas relações passadas como para as actuais são: dar uma bofetada, Insultar, defama pratica de sexo pela força, e que a violência é mais frequente no meio rural.

Palavras chave: violência conjugal, zona rural, e urbana, determinar, avaliar, prevalência

ABSTRACT

This paper addresses the topic "violence among couples in the city of Benguela, in order to assess the prevalence of each of the behaviors of violence in this sample of the Angolan population. We conducted a cross-sectional study descriptive and exploratory and comparative. It collected the data in the city of Benguela particularly in Central Benguela hospital clinics, women's issues, management of AOM, criminal investigation public schools, private schools in 2011.

For implementation of the study we focused on the research literature, methods and data processing techniques. The study was based on a cross-sectional descriptive research, exploratory and comparative arrange 400 subjects, including 200 females and 200 males, divided by, the rural, urban and peripheral. Where it was found that men have greater physical violence than women, and that conduct more prevalence of violence in relations to the past and present are: slap, insult, defame practice of sex by force. and that violence is more common in rural areas.

Keywords: domestic violence, rural and urban, determine, assess prevalence

AGRADECIMENTOS

agradeço em primeiro lugar ao professor, José Carlos Caldas, que com seu saber prestou-me toda atenção como orientador deste trabalho, cujo apoio facilitou-me a execução do mesmo, assim agradeço todo o apoio o incentivo e confiança transmitindo e sem o qual não seria possível, concretizar a presente investigação.

Também agradeço a todos que directa ou indirectamente com o seu prestimoso saber contribuíram para a realização deste trabalho, assim deixo os meus agradecimentos a todas instituições que aceitaram trabalhar comigo

Aos Directores das Escolas 10 de Fevereiro Benguela, aos Colégios Golfinho, Bankazi, ao posto médico dos antigos combatentes Cassequé, a Direcção da Promoção da Mulher, Direcção Provincial de Investigação Criminal, e outros

A minha mãe, irmãos, amigos pelo apoio emocional, ao meu marido que sempre me deu força, incentivo, apoio material, e moral para chegar até a aqui.

LISTA DE ABREVIATURAS

- I V C - Inquérito de Violência Conjugal.
- MINFAMU - Ministério da família e promoção da mulher
- N/D – Sem data
- PNUD-Programas Das Nações Unidas para o fundo desenvolvimento.
- FNUAP - Fundo Das Nações Unidas
- UNIFEM - Fundo das Nações Unidas Para Mulheres
- OMA - Organização da Mulher Angolana

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição por Género -----	40
Tabela 2. Distribuição por Faixa Etária -----	40
Tabela 3. Distribuição por Profissão -----	40
Tabela 4. Distribuição por habilitações -----	41
Tabela 5. Distribuição por Estado Civil -----	41
Tabela 6. Distribuição por Habitação -----	41
Tabela 7. Prevalência de Violência nas Relações actuais como Ofensor ----	44
Tabela 8. Prevalência de violência nas relações actuais como vítima -----	46
Tabela 9. Prevalência de Violência nas Relações Passadas como Ofensor -----	48
Tabela 10. Prevalência de violência nas relações passadas como vítima ---	50
Tabela 11. Médias e Desvios Padrões nas Relações Presentes -----	52
Tabela 12. Médias e Desvios Padrões nas Relações Passadas -----	53
Tabela 13. Diferenças entre Géneros Quanto a Totais como Ofensores e Vítimas em Relações Passadas e Actuais -----	54
Tabela 14. Diferenças por Idades, habilitações, Estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Actuais como Ofensor -----	55
Tabela 15. Diferenças por Idades, habilitações, Estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Actuais como Vítima -----	57
Tabela 16. Diferenças por Idades, Habilitações, Estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Passadas como Ofensor -----	58
Tabela 17. Diferenças por Idades, Habilitações, estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Passadas como Vítima -----	59

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo -1 -Pedido de Autorização para Realização de Investigação -----	67
Anexo - 2- I.V.C -----	68
Anexo 2.1 - I.V.C -----	69
Anexo 2.3 - I.V.C. -----	70

LOMBADA

VANDA PEDRO ISCS-N	VIOLÊNCIA CONJUGAL EM FAMILIAS DA CIDADE DE BENGUELA		2012
-------------------------------------	---	--	-------------

ÍNDICE

Resumo	
Abstract	
Agradecimentos	
Lista de abreviaturas	
Índice de Tabela	
Índice de Anexo	
Índice Geral	
INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1- Conceitos Chaves	13
1.2- Caracterização da Violência Conjugal	14
1.3-Formas de Violência Conjugal	18
1.3-Consequências da Violência Conjugal	23
1.4 - Violência Conjugal e Questão de Género	25
1.5- Panorama Registos e Análise da Problemática Sobre Violência Conjugal em Angola.	29
CAPITULO II - METODOLOGIA.....	39
2.1 Justificação do Tema	39
2.2 Objectivo Geral.....	39
2.3 Questões de Investigação	39
2.4 Desenho de Investigação	39
2.5 Amostra	40
2.6. Instrumentos.....	42
2.7. Procedimentos	42
2.8. Tratamento e Análise dos Dados	43

CAPITULO III – RESULTADOS	44
3.1. Prevalências de Violência nas Relações Actuais como Ofensor.....	44
3.2. Prevalências de Violência nas Relações Actuais como Vítima	46
3.3. Prevalência de Violência nas Relações Passadas como Ofensor	48
3.4. Prevalência de Violência nas Relações Passadas como Vítima	50
3.5. Distribuição de Médias e Desvios Padrões nas Relações Actuais por Gênero	52
3.6. Distribuição de Médias e Desvios Padrões nas Relações Passadas por Gênero	53
3.7. Comparação dos Resultados da Violência Conjugal (como Ofensor e como Vítima) nas Relações Actuais e Passadas por Gênero.....	54
3.8. Comparação dos Resultados da Violência Conjugal (como Ofensor e como Vítima) nas Relações actuais e Passadas por idades, Habilitações, estado civil, Profissão e Residência.....	56
3.8.1. Relações actuais como Ofensor.....	56
3.8.2. Relações Actuais como Vítima.....	57
3.8.3. Relações passadas como ofensor	58
3.8.4. Relações Passadas como Vítima.....	59
CAPITULO IV. DISCUSSÃO	60
CONCLUSÕES	63
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	65
Machado, C., & Dias, A. R. (NO PRELO). <i>Cultura e violência: uma revisão critica da literatura revista brasileira de informação bibliografia em ciências sociais.</i>	65
ANEXOS	67

INTRODUÇÃO

De acordo com Matos (2001); Loureiro e carvalho (2001) citados por Machado, Matos e Gonçalves (2006) a violência conjugal têm sido entendida como um acontecimento que abrange diversos aspectos, abusivos contra um dos companheiros. Este abuso conjugal pode apresentar-se de diferentes formas como uma violência simples, até as agressões mais severas, caracterizadas, em maus tractos, físicos, psicológicos ou emocionais, verbais, sexuais, podendo chegar mesmo em homicídio.

A violência conjugal era vista como um assunto particular, gerido dentro do lar, sem intervenção de terceiros, os vários estudos desenvolvidos no país, sobre a questão, deram um grande contributo para o reconhecimento da sociedade, da violência na conjugalidade como um problema que afecta muitas famílias, passando assim a ser um assunto que interessa a todos e de responsabilidade pública, merecendo assim a atenção dos investigadores de diferentes domínios (psicologia, sociologia, e criminologia).

(e.g, Matos,2000; machado & Martins, 2001) reconhecem o custo que a forma de vitimação acarreta, no que diz respeito a saúde física, (desde a hospitalização da vitima, aparecimento de saúde crónicas, perturbações de sono, bem como distúrbios alimentares e psicológicos). Investigações feitas têm documentado, um maior impacto psicológico que decorre de experiências deste tipo (distúrbios cognitivos, ideais suicidas, medo isolamento, disfunções sexuais dependência de substancias, e outros). A vitimação na intimidade pode ainda comprometer a vitima não só individualmente, mas também a nível parental (e.g, enquanto figura de suporte e autoridade profissional(e.g, perda de produtividade)e comunitário(cf., Matos ,2002).

Segundo (cf. Matos, 2000) varias contribuições têm levado a pratica destas formas de violência, entre elas citamos as perspectivas socioculturais, visto ser entre todas outras a mais citada entre os que investigam este fenómeno, sendo assim a generalidade dos autores defendem, que a distribuição desigual do poder dentro das famílias ajuda de forma significativa para uma transigência, face a este tipo de abuso.

As vítimas de maus tratos pelo parceiro reforçam esta leitura, referindo que a sociedade oferece um consentimento implícito ao comportamento maltratante através de uma postura de silêncio indiferença e cumplicidade com o agressor (Ghez, 2001). Alguns estudos têm mostrado a culpabilização do problema contra a vítima (cf. Mahoney, Williams & West, 2001).

Um estudo recente sobre a violência nas relações amorosas da população universitária segundo (Machado, Matos & Moreira, 2003) o estudo sobre violência nas relações amorosas da população universitária permitiu verificar que as próprias vítimas tendem a adaptar-se a estereótipos culturais e apropriar-se destes estereótipos culturais, considerando os como pequenas violências minimizando mais os atos de pequena violência. (Nabi & Homer, 2001)

Outras investigações têm documentado a relação entre o assumir de condutas abusivas na relação conjugal e a defesa de crenças de auto – desculpabilização., atribuição extrema da culpa e minimização do dano causado à vítima (Machado, 2005). Estas crenças levam os ofensores, a desvalorizar a necessidade de alterar a sua conduta abusiva, bem como podem levar as vítimas a prenderem-se na relação considerando tais práticas abusivas como sendo normais.

A propósito desta reciprocidade entre comportamentos e atitudes, alguns autores propõem que as atitudes de tolerância face à violência são anteriores ao comportamento violento (Riggs & O'Leary, 1988, cit. Sugarman & Frankel, 1996), ou seja, que essas atitudes face ao abuso influenciam a decisão de recorrer à violência (cf. Stith & Farley, 1993). Outros, por sua vez, sugerem que atitudes e comportamentos são o reflexo de uma cultura estabelecida sugerindo, não uma relação causal, mas correlaciona entre estas variáveis (Dibble & Strauss, 1980, cit. Sugarman & Frankel, 1996)

Quanto ao contexto Angolano verifica-se uma maior abertura sobre o assunto, pese embora que tais práticas ainda continuam a serem registadas de forma encoberta por parte de algumas vítimas, sendo assim, e de acordo com os objetivos propostos, o estudo o vai tentar avaliar a prevalência de cada um

dos comportamentos da violência numa mostra da população Angolana bem como saber se existem diferenças de género, meio de residência, faixa etária, profissão e estado, civil, e comparar os resultados de acordo com variáveis demográficas. O trabalho está estruturado em quatro capítulos antecidos de uma introdução, contendo de entre outros aspectos a metodologia essenciais do estudo. 1º No capítulo 1 apresentamos as constatações de diversas obras, á volta da problemática em estudo, violência conjugal, de formas a cobrir insuficiências identificadas ao longo da pesquisa e algumas percepções como contributo pratico da pesquisa de seguida, o capítulo 2º apresenta – se a metodologia do estudo onde aborda aspectos como apresentação, analise e tratamento de dados os guiões de observação os guiões de observação aplicados aos sujeitos, amostra que levaram a analisar e sintetizar o quadro actual da violência conjugal valoração do mesmo pela sociedade. O 3-º grupo pormenorizadamente os resultados da investigação. O capítulo 4-º dedica-se á discussão dos resultados da investigação.

Finalmente apresentam as conclusões, achadas relevantes e bibliografia bem como um corpo de anexos como elementos complementares do estudo.

CAPITULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentadas as definições de alguns conceitos-chaves, como também os expositivamente teóricos considerados valiosos de alguns autores sobre a temática em abordagem.

1.1- Conceitos Chaves

A abordagem do tema da violência conjugal é muito complexa, para melhor entendermos o assunto, este capítulo traz alguns conceitos que envolvem a temática para o entendimento do conteúdo no presente trabalho, como se segue:

Violência - Conjunto de condutas, de carácter abusivo perpetradas sobre a (o) companheira(o). (Matos, 2001; Lourenço & Carvalho, 2001).

Género - refere-se às diferenças entre homens e mulheres. Conjunto dos atributos masculinos ou femininos, mais ou menos intimamente associado a cada um dos sexos. Judith Butler "problemas de género: feminismo e subversão da identidade;", civilização brasileira (2003).

Os conceitos que se seguem foram definidos de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2009).

Conjuge – Cada uma das pessoas ligadas pelo casamento em relação à outra.

Vítima - Pessoa que individual ou colectivamente tenham sofrido danos incluindo. Se lesões físicas ou mentais, sofrimento emocional perda financeira ou redução substancial de seus direitos fundamentais no contexto de abuso de poder violência.

Agressor - Pessoa que agride, atacante.

Agressão - Ataque físico ou moral, insulto provocação.

1.2- Caracterização da Violência Conjugal

A violência conjugal é um fenómeno que ocorre nas relações amorosas, em casais de todo o extracto social, raças, idades, etnias, e orientação sexual, com motivos variados, ela se expressa de varias formas como abusos psicológicos, maus tractos físicos, abusos sexuais e outros. Tanto a mulher como o homem são atingidos na relação, mas devido a questão do género existe diferença quanto a manifestação da violência, sendo a mulher agredida com mais crueldade em relação ao homem.

Segundo Minayo (1998) desde sempre existiu uma naturalização do homem como o dono do poder da força, existindo uma relação histórica entre a ideia da masculinidade, e a prática do domínio de pessoas, de guerras e conquistas. O masculino sempre foi visto, como chefia de relações familiares, e da paternidade, lugar da acção e da decisão.

A partir de inúmeros estudos, há hoje evidências indiscutíveis de que a violência conjugal se caracteriza como um problema de saúde pública. Segundo relatório mundial sobre violência e saúde pública O. M. S (2005) são as mulheres muito mais que os homens, que adoecem e morrem vítimas da violência masculina, embora possam ser agressivas em seus relacionamentos. Esse informe relata que 25% das mortes de mulheres em idade fértil estão associadas á violência sendo que mais de 60% delas foram cometidas por seus companheiros.

Segundo Giffin (2003),existem consequências drásticas resultado, da violência conjugal com: agravamento, da saúde física e mental das vitimais, de violência intra familiar e sexual , esta que é afectada por vários agravos dentre os quais: lesões, traumatismos, gravidez indesejada, DST, aborto espontâneo, problemas ginecológicos, asma disfunções sexuais, distúrbios alimentares, depressão, ansiedade, abuso de álcool, e drogas, Heise (1999) comenta que cerca de 3% das enfermidades e queixas médicas das mulheres se devem á violência nas relações conjugais.

Já Morgado (s/ data) constata a violência doméstica como sendo a sexta causa de morte ou incapacidade física em mulheres de 15 a 44 anos, mais do que todo tipo de vitimação, ou acidentes doenças crónicas, ou situação de guerras. Enfraquecendo o papel social da mulher, dentro do lar, influenciando pela negativa, no comportamento dos filhos que mais tarde poderão a vir desenvolver comportamentos agressivos.

Segundo BID (2000) no Brasil A violência conjugal contra a mulher, acarreta uma série, de problemas sociais visto que este tipo de violência representa uma imensa carga económica , e um aumento da demanda para o uso de serviços sociais. É responsável ainda por perda de produtividade, pelo pouco desempenho no trabalho por absentismo, laboral e por perda do emprego.

Estima-se que 95% das vitimais de agressão intra familiar sejam mulheres. Segundo dados do Fundo das Nações Unidas Para a Mulher (UNIFEM) estima-se que 95% das vitimais de agressão intra familiar, sejam mulheres, de quatro mulheres no mundo sofre maus tractos domésticos. A cada quinze segundos ocorre algum caso de violência domestica em algum lugar do mundo. Em Nova Delhi, Índia, a cada 12 horas uma mulher morre queimada pelo marido, que depois denuncia o facto como acidente. Em 1998, na Espanha, 75 mulheres morreram nas mãos dos seus maridos e foram feitas mais de 20.000 denúncias de maus tractos. Essa cifra é espantosa quando se sabe que apenas 10% das vítimas faz a denúncia.

Segundo uma análise realizada pelo(Banco Mundial)sobre 35 estudos relativos a países industrializados e desenvolvimento mostrou que quase metade das mulheres observadas, havia sofrido violência física por parte do seu companheiro, concluindo assim que não existe , níveis de escolaridade, lugar ou habitação , países ricos ou pobres, raça , estado civil profissão, quando se fala do recurso a violência , as normais de violência domestica são idênticas não importa de que cultura se trate. Calcula-se que seis de cada dez casais vivem ou viverão algum tipo de violência domestica. Esse é um dado alarmante, porque translada o problema a uma percentagem altíssima da população mundial. Em muitos países a violência domestica é um assunto restrito a família, mas de ponto de vista, diz respeito a todos nós.

A maioria dos especialistas em violência contra mulher afirma que a forma de ser do homem contribui, na propagação da violência contra mulher. Além disso, prevalece a ideia antepassada de que a mulher deve ser castigada quando o seu comportamento transgridem o seu papel na sociedade. Tudo isso implica que o problema da violência contra a mulher não este restrito a um lugar geográfico ou a determinada cultura. Geralmente esta é tão aceite pela sociedade que muitas vítimas preferem conformar-se com a situação.

Para concluir, o estudo mostra que, filhos de relações com um índice elevado de violência tendem assumir, comportamentos desviantes. Produzem – se situações de ausência de trabalho, maus rendimentos escolar, enfermidades e “ acidentes “ que de uma maneira ou de outra afecta a sociedade. Há pesquisas que demonstram que filhos de famílias onde as mães foram sistematicamente, agredidas são propensos ao abandono escolares, ao uso de drogas, e perturbações psicológicas, a repetir esquemas violentos e a viver padrões sociais delinquentes. É um erro acreditar que o que acontece dentro de casa não terá resultado do lado de fora. A violência é um problema que nos diz respeito. Se não a enfrentamos, cedo ou tarde acaba por prejudicar a todos, não significa que não haja violência de mulheres contra homens, entretanto 95% dos casos de violência em nível mundial no contexto de relações interpessoais e contra as mulheres, também não se quer dar uma visão maniqueísta de que os homens são todos “violadores potenciais” e agressivos por natureza.

Costuma-se dizer brincando tapas de amor não doem costumamos rir desse tipo de brincadeiras, entretanto, a realidade é que para milhões de mulheres essas palavras não são motivo de riso, ao contrário, são parte de um drama que ocasiona muita dor, incerteza e um constante comprometimento de seu desenvolvimento como pessoa. A violência sempre ocorre no contexto de uma cultura patriarcal, ou seja, uma rede fechada de conversações caracterizada pelas coordenações de acções e emoções que fazem de nossa vida quotidiana um modelo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a justificação racional do controle e a dominação dos outros através da apropriação da verdade”.

Pesquisas mostram que a “ maioria das vítimas de violência doméstica não costuma buscar ajuda médica ou psicológica, apesar dos contínuos ataques de seu parceiro”. Da mesma forma, frequentemente a violência física é precedida de anos de abuso psicológico, sob a forma de agressões verbais, desqualificações, humilhações, atentados contra a dignidade moral da mulher, zombarias sobre sua capacidade, gozações em público sobre seus fracassos ou “ supostas deficiências,” isolamento ou indiferença, intimidação, tudo isso como antessala da violência física (UNIFEM 2007).

Segundo teorias de alguns autores sobre a caracterização da violência conjugal coincide com a prática visto que em muitos casos os indivíduos inqueridos apontaram os abusos psicológicos, maus tractos físicos, abusos sexuais, e outros como sendo uma prática de violência que tenham vindo a sofrer por parte de seus conjugues, e em muitos casos estas práticas tem sido constante, que muitas vezes precisam de recorrer as instituições hospitalares, com fins de serem socorridas, de tais agressões.

Por outro lado, segundo vítimas perdoam seus parceiros porque logo de seguida a cena ocorrida, eles mostram-se muito arrependidos, arrependimento este, que segundo as vitimas dura pouco tempo, porque logo de seguida desencadeia-se uma nova tensão por motivos já diferentes.

Muitas mulheres inqueridas mostraram-se com pouca baixa estima segundo elas pelo facto de sofrerem muitos abusos psicológicos por parte dos seus conjugues, e verificou-se uma constante em vários casais, em muitas mulheres inqueridas disseram que têm que suportar porque não têm para onde ir, outras por medo que o parceiro faça algo pior, muitas não são independentes financeiramente, e outras ainda com vergonha da sociedade. Outro caso notório é que muitas mulheres receiam prestar queixas, muitas porque acham que não serão ajudadas, outras por vergonha ou medo, preferem suportar tais insultos, só depois de muito sofrerem, é que decidem prestar queixa a uma unidade policial, ou a uma instituição de ajuda psicológica.

Verificou-se mas queixas de agressão por partes das mulheres do que dos homens, os poucos casos de agressão em homens foram pelo facto das mulheres estarem fartas de maus tractos então cansadas partem para uma

vingança, ou ainda em outros casos, por legítima defesa. Outro caso que verificou-se nos inqueridos é que muitos seguem uma cultura onde a mulher é discriminada, sempre foi educada a ser submissa ao homem, isto quer dizer que o homem, tem todo poder sobre ela, pode fazer o quiser e ela tem que se submeter, tem que apenas obedecer.

1.3-Formas de Violência Conjugal

A violência conjugal é um factor comportamental que abarca, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou económico de uma maneira directa ou indirecta, e pode ser exercida tanto sobre cônjuges ou companheiros maritais, como sobre Ex- cônjuges ou ex-companheiros maritais.

O sistema de socialização no patriarcado é tão perfeito, tão completo em impor os seus valores, tão universal e tem prevalecido por tanto tempo na sociedade humana, que quase parece não ter necessidade de uma implementação violenta. Na verdade, as “ pequenas manifestações de violência quotidianas passam quase despercebidas e, quando se trata de violência dirigida contra as mulheres, ela vem inscrita nos atributos “ normais “ das relações entre homens e mulheres. Por isso é que quando olhamos para as brutalidades do passado vemo-las como costumes exóticos ou “ primitivos “. As actuais formas de violência, isto é, aquelas que são mais visíveis, encaram-se como um produto individual de demência confinadas a um comportamento patológico excepcional, sem importância suficiente para permitir a generalização (Millet, 1970).

A primeira violência que a mulher sofre é nascer num mundo que se reproduz na violência de género. Terá de aprender que, quando se utiliza o masculino como acepção universal, se deve sentir umas vezes incluída e outras não. Continua a ser necessário insistir que a violência extrema tem como base ampla a violência masculina contra as mulheres é um processo que geralmente se inicia por pequenas expressões de machismo num ciclo permanente de violência emocional, física e de agressão sexual. (Gomez s/ data).

A violência tem diferentes caras, normalmente a mais notória é a agressão física, mas o assunto é mais complexo, a Violência psicológica, é considerada a mais frequente, dado que se associa com todas as outras formas de violência. Caracteriza-se por fazer com que a mulher ou o homem esteja sempre em stress cheia de temor e de insegurança perca a auto-estima e do ânimo. A violência psicológica, afecta a saúde emocional da vítima. Além da humilhação e do desrespeito, carrega-se lembrança desse trauma para o resto da vida. Após longos anos de vivência nessas condições de medo e tortura, o individuo acaba por se fechar cada vez mais, entrando num período de autodestruição e a depressão é uma das sequelas mais frequentes, Numa pesquisa realizada em três províncias em Moçambique Osório et al. (2001), concluiu-se que quando o abuso é constante, provoca danos psicológicos como por exemplo afecta a auto-estima, bem como a ideia do mundo a sua volta. este abuso segundo o autor começa por coisas simples, indo assim para situações mais graves, com consequências psicológicas graves. Costuma-se acreditar que a violência verbal é menos nociva, mas as pesquisas mostram o contrário, não se vai ao hospital por agressão emocional. Mas estar em constantes abusos emocional termina ruindo a personalidade a ponto de algumas pessoas nunca conseguirem se recuperar.

Violência Económica – Caracteriza-se pelo controle abusivo e autoritário dos recursos económicos do casal inclui o manejo do vencimento da mulher, alegando a má gerência desta cortando-lhe o acesso a tomada de decisões. Numa pesquisa realizada, Domingues (1999) citado por (Mejía 2004), concluiu que a violência doméstica está ligada ao controlo dos recursos e o conceito de propriedade dentro da família. “todas inqueridas foram unânimes em afirmar Quando perguntamos o que as mulheres consideravam violência doméstica, quase sempre havia uma menção sobre os recursos do lar serem desviados pelo marido para bebida ou amantes. Esta era considerada a pior violência que um marido podia fazer contra a mulher, pois deixava-a sem recursos para cuidar dos seus filhos.

Violência Física É a forma mais, mais fácil de se reconhecer indo desde os empurrões até á agressão física e aos assassinatos, dados das nações unidas apontam que 45% a60% dos assassinatos de mulheres no mundo são cometidos por homens com quem elas tiveram algum envolvimento amoroso. Estes assassinatos são, na realidade, femicídios, entendendo este termo como assassinatos por razões das relações desiguais entre mulheres e homens. O conceito serve para mostrar o tipo de crimes de sangue em que são vitimas as mulheres, pelo facto de serem mulheres é o fim de um continuum terror, que inclui uma ampla variedade de abusos verbais, e físicos, tal como violações, tortura, escravatura sexual sempre que estas resultem em morte, torna-se femicídio (Caputi, Russell & Radford citados por Mejía, 2004).

Violência sexual inclui sempre todas as formas de violência, consiste em obrigar a uma relação ou a práticas sexuais não desejadas, através da pressão emocional, ameaça ou o uso da força. Se bem que toda a violência constitua um atentado contra a liberdade colectiva das mulheres, no caso da violência sexual, ao prejuízo físico e psicológico que sofre a vítima, tem de acrescentar-se a perda da sua própria auto-estima e autonomia. As mulheres vítimas de violação sofrem inúmeras consequências na sua saúde: danos físicos severos, doenças mentais e traumas, gravidez não desejada, DTS (incluindo o SIDA) infecções crónicas que podem levar a infertilidade. A sua capacidade para amar e aceitar o amor pode ser destruída. Os estigmas podem levar algumas cometer suicídio (FNUAP, S/D).

A violência social é considerada pelos maus tractos perante terceiros e a limitação das relações familiares com vista a isolar a mulher e a não lhe permitir a utilização de redes de apoio. a mulher é aconselhada a não sair sozinha, a não sair a noite sem ser acompanhada (logicamente por um homem), a não visitar certas áreas da cidade ... Estes conselhos visam o seu controlo, colocando limites sobre como deve ser o seu comportamento no espaço público, o espaço do homem; sendo a presença da mulher condicionada á aprovação masculina. Radford e Russell (1992).

De acordo com diversos estudos, e tal como o descreve Lenore Walker (no prelo) a instalação da violência na relação apresenta três fases que compreende a fase de emergência da tensão, explosão, e a fase da lua-de-mel ou manipulação afectiva, nesta fase acumula-se tensão no casal. O agressor vai acumulando situações, ficando a ponto de explodir a qualquer momento

A Tensão - Não tem uma razão justificável. Simplesmente agrava-se por iras guardadas, que vão se acumulando. Quando a violência, é constante as mulheres começam a perceber os pequenos indícios que mostram que o homem esta acumulando tensão e que, em qualquer momento, vai explodir. É possível que a mulher tenha evidências da tensão de seu companheiro: rosto aborrecido, ataques ou insinuações verbais, mudanças na linguagem corporal, tensão notória. A maioria dos homens violentos não está consciente desse acumulo de tensão mostra – se irritável sem nenhuma razão lógica, nem que a mulher possa contornar, os especialistas advertem que, quando a mulher foi maltratada e esta na fase de tensão, é o momento que deveria afastar-se do agressor, é o momento de fugir, antes que aconteça a explosão, a mulher deve saber que o cúmulo da tensão segue certa dinâmica que ela pode reconhecer, um elemento fundamental e que sempre a agressão física e precedida de violência. A violência emocional é a antessala da surra, a ira se expressa de muitas formas, a pessoa insulta, diz palavras ásperas, bate, joga objectos, quebra paredes destrói coisas especialmente valiosas, para a mulher, embriaga-se para se dar valor, permanece mudo durante dias, briga com outros, tem um romance, compra coisas caras e inacessíveis ao seu orçamento, força as relações sexuais, chegando até a violação marital, priva de sonhos a sua companheira, etc. Esta é a fase de maior dano para a vitima (Núñez, 2005).

A explosão é uma fase (também chamada “de episódio agudo”) vem imediatamente depois da tensão. A ira que se acumulou sai como um rio de lava, sem aviso e sem razão aparente.

É o momento em que se produz a agressão severa e o instante em que a vítima corre mais perigo, porque normalmente há alguns momentos em que a ira do homem é tão incontrolável que cega. Produz-se o que os especialistas chamam de sistema de pensamento infantil, que pode durar entre oito a dez minutos, mas que são suficientes para que ele possa fazer algo do qual se arrependa pelo resto da sua vida. Ainda que pareça estar cego, certamente” ele perde o contacto com a realidade, mas sabe o que está fazendo” entretanto a explosão de ira é selectiva e dirigida especificamente a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, sua esposa e famílias. Um homem violento, em geral, não o é com outros homens ou com companheiros de trabalho, por isso se fala de violência selectiva seus arrebatamentos de ira são no lar, não em outros ambientes sociais. Isto faz com que o assunto se torne complexo porque para as pessoas de fora, que o vêem agir diariamente, fica difícil entender seu comportamento em casa. A explosão não segue um padrão exacto, a única coisa que se pode dizer é que esta fase de maior dano para a vítima e quando se desprende toda a ira contida e acumulada e surge no homem uma personalidade que é desconcertante até para ele mesmo. Quando esses episódios ocorrem com regularidade, o que consegue é imobilizar a vítima. Ela se paralisa não apenas porque sua conduta a desconcerta, mas porque em muitos casos chega-se ao grau de começar a suspeitar que ela é a causadora de tanta irritação, é o momento que os especialistas chamam de “desamparo aprendido”, usando o termo de Lenor walker.

Lua-de-mel (ou manipulação afectiva) deve-se ser cuidadosa com esse nome, porque pode ser um equívoco. Na realidade, é uma fase de manipulação afectiva. Muitos homens, após seus acessos de ira e maus-tratos físicos e emocionais, pretendem reconciliar-se. Na mente de muitos agressores, a forma de reconciliação é ter relações sexuais. Pretendem levar suas vítimas para cama para relacionarem-se sexualmente com elas. Muitas mulheres costumam ficar confusas por essa conduta. Mas, na realidade, não é um relacionamento sexual sadio; ao contrário” é um ato de posse e isso é agressão.” Lamentavelmente, na mente de muitos homens violentos e de algumas mulheres que se deixaram manipular pela violência supõe-se que os problemas de maus-tratos se acertam na cama, entretanto, a realidade mostra,

o contrário. Os violentos consideram que ter relações sexuais depois de um incidente de agressão restauram o pacto matrimonial que foi quebrado com sua acção violenta. Mas com isso, só se está reiniciando o processo. Se a mulher agredida se nega a ter relações sexuais nesse momento, por estar ferida física e emocionalmente, o mais provável é que os homens violentos iniciaram uma série de acções de conquista. Trará flores, será amável, tentará consertar o que fez e terminará confundindo a vítima.

É provável que nesta etapa prometa submeter-se a alguma terapia ou faça propostas de mudanças que quer introduzir em sua vida. Mas a única coisa que se produz é o início de acumulação de tensão que novamente reinicia o ciclo. Nesta sequência verifica-se a existência de múltiplas razões que levam a vítima a permanecer nesta situação; designadamente amor, medo, orgulho, vergonha, embaraços, lealdade, dependência financeira, baixa auto-estima, ou a combinação de todos ou algumas destas razões (Núñez, 2005).

1.3-Consequências da Violência Conjugal

A violência conjugal tem consequências ou danos, que em função do tipo, podem ser consideradas, humanos, psicológicos, económicos, materiais. A separação do casal, por exemplo, que é uma forma de violência doméstica é uma consequência da mesma, mais frequente entre os casais ou pessoas que vivem em união de facto, arrasta consigo vários outros problemas que põem em causa a estabilidade do agregado familiar e por conseguinte da sociedade.

Em caso de separação dos pais, os filhos deixam de contar com a presença diária da atenção e do carinho de ambos (pais), o que já é negativo para o desenvolvimento harmonioso, pois deixam de partilhar o mesmo tecto, ficando a guarda de outros membros da família, o que vai se reflectir na sua personalidade

A desapropriação dos bens, sobre tudo, a casa, traz para o conjugue que fica sem ela problemas psicológicos, porque a vítima deste tipo de violência experimenta uma diminuição da sua auto-estima, pois é obrigada a integrar-se

noutros agregados familiares, normalmente vai viver com parentes próximos ou com pessoas amigas.

A violência moral e psicológica é constituída por um conjunto de outros actos de violência, tais como, a desconsideração pela dignidade humana do conjugue, o abuso sexual (prática do sexo contra a vontade do parceiro), as ofensas morais, etc. Este tipo de violência de deixa cicatriz na vítima. Porém, não afecta apenas esta, mas todo um conjunto de pessoas que fazem parte do círculo familiar e social do casal em conflito.

Dependendo da profundidade das “feridas” que essa agressão provoca na alma da pessoa visada ou lesada (familiares, amigos, vizinho) violência moral e psicológica pode resultar no rompimento das relações de amizade e fraternidade até então existentes (Relatório, DA MINFAMU) Segundo relatos dos inqueridos muitas têm sido as consequências da violência, porque em muitos casos a prática constante leva a separação, em outros casos a morte de um dos conjugues, daí advêm, outras variantes como a falta de apoio por parte do pai, a separação, dos filhos, muitas mulheres inqueridas na promoção da mulher (centro de apoio a mulher) recorreram a instituição com intuito de receberem uma ajuda judicial pelo facto do parceiro, após separação não prestarem ajuda financeira para o sustento dos filhos, deixando a responsabilidade toda com a mulher, que em quase todos os casos. Ela é quem fica com os filhos. Outras vão em busca de ajuda para conseguirem um abrigo porque, em muitos casos elas abandonam o lar cansadas, de abusos, ou com medo do pior muitas vezes obrigadas a levar seu filhos sem nenhuma condições.

Filhos e filhas de lares em que as mães são ou foram agredidas tendem a reproduzir mais tarde os mesmos papéis de agressor e vítima que viram em casa. As mulheres agredidas ficarão inibidas ao longo da vida para se desenvolverem de forma normal, serão afectadas seu rendimento profissional, sua capacidade como mãe. Seu desenvolvimento pessoal, sua qualificação para actuar como cidadã, etc.

Pesquisas mostram que a maioria das vítimas de violência doméstica não costumam buscar ajuda médica ou psicológica, apesar dos contínuos ataques

de seu parceiros. Da mesma forma frequentemente a violência física é precedida de anos de abusos psicológicos, sob a forma de agressões verbais, desqualificações, humilhações sobre sua capacidade, gozações em público sobre seus fracassos ou “ supostas deficiências” , isoladamente ou indiferença ,intimidação, tudo isso como antessala da violência física.

1.4 - Violência Conjugal e Questão de Género

A violência de género, conceito amplo e preciso, considera que as relações entre mulheres e homens têm sido historicamente desiguais, propiciando a subordinação da população feminina aos ditames masculinos, que impõem normas de conduta as mulheres e as devidas correções ao incumprimento dessas regras subtis e perversas, incorporadas nesse relacionamento. Isto explica a violência de Teles (N/D).

Segundo Garretas (2002) A violência de género, exprime as relações de poder, dentro destas manifestações de violência, exercida, na maior das vezes pelos homens ,é a mulher que mais sofre, como vitima as consequências ,mas muitas vezes quer Se mostrar que esta violência ocorre tanto num sentido como no outro da mesma forma.

Alberdi (2000) afirma que violência de género baseia-se na forma de domínio usada pelo agressor. Sendo assim a violência contra mulher tem demonstrado a desigualdade ancestral, existente entre homens e mulheres. Neste contexto falar de violência de género é falar de diferenças sociais e culturais, mais nunca da diferença de sexo (masculino ou feminino) O género é na vertente de desigualdade para a construção social de uma ideologia de dominação masculina. Para Alberdi (2000), a “violência de género é considerável, um componente, central, para a permanência das relações de dominação e a desigualdade entre homens e mulheres.

A dominação masculina utiliza diversos mecanismos de manutenção da violência, fruto de uma longa, tradição cultural que se reflecte nas relações de poder e como consequência directa para as mulheres é a vivência quotidiana da discriminação e da opressão. Assim podemos dizer que sempre que uma mulher for submetida a subordinação, dentro da sociedade, é vítima de violência. Toda mulher em condição de subordinação sofre discriminação, logo seus direitos humanos são violados, e ela passa assim sendo vítima de violência. Elas têm que ser consciencializadas, sobre grave problema da violência do género.

Nogueira (2001) afirma que desde os tempos remotos , a mulher era vista como sinonimo de objecto, visto que a ela dava-se o titulo de irracional , já o homem sempre foi visto como o todo poderoso , provido da razão , tudo isto pelo facto da existência de diferenças biológicas que os tornam desiguais ,dando assim características , de ponto de vistas negativas a mulher sustentando assim a sua inferioridade. Partir dos anos 60 assistiu-se na psicologia social americana a proliferação da investigação sobre as diferenças entre os sexos Macóbio e Jacqueline (1974) procederam a uma análise de um vasto número de estudos a cerca das diferenças intelectuais temperamentais e de desempenho entre homens e mulheres, onde, não encontraram fundamentadas as explicações biológicas devido a inconsistência dos resultados e verificando a contradição na definição de alguns conceitos avaliados .

De acordo com Amândio (1998) citado por Vanda (2011) os conflitos que existem com os ganhos da psicologia diferencial do género foi questionada, dado que o conceito ou ideia de género surgiu por volta da década 70. Porem, segundo Nogueira (2001) é preciso ter em consideração o conceito de essencialismo face a noção de género. O homem a mulher não existem em si mesmo, eles dependem do ponto de vista cultural, e de uma ideologia, que rege os princípios de uma sociedade.

Segundo (Burrn, 1995) o género é construído nas relações existentes dentro da sociedade. Todos estudos feitos indicam que o comportamento , ou normas são diferentes para os homens e para as mulheres, existem diferentes normas , e praticas , ligadas a cada um do género e variam de cultura para cultura.

Uma abordagem iniciada em (1977/78, citado por Anderson, (2005) mostram a existência de uma igualdade de género na violência . já estudos posteriores, indicavam que no recurso a violência não existem diferenças de género. Yllo (1993)é unânime em afirmar que os homens e as mulheres experimentam violência ,mais de forma diferentes ,pelo facto de encontrarem-se dentro de uma sociedade, caracterizada pela diferença de género, e mesmo que a taxa de vitimação não varie conforme o género as consequências são diferentes para os homens e para as mulheres.

Para Anderson (2005) A violência pode ser usada para mostrar a masculinidade, muitas vezes os homens usam a violência quando sentem –se desafiados . Babcock e Waltz (no prelo) afirma que a violência pode ser um meio pelo qual os homens demonstram e alcançam a sua masculinidade. A violência do homem é diferente e avaliada de forma diferente da mulher, o género baseia se naquilo que os outros pensam do nosso comportamento dentro da sociedade

Fine e colaboradores (1997) procuravam analisar porquê que as taxas de violências são mas elevados entre as pessoas que vivem uma situação de pobreza e verificaram que nos estados unidos, o sucesso financeiro é uma das características que os homens têm que ter, mas como é lógico nem todos têm ,sendo assim não podem exercer o controlo sobre o cônjuge através dos recursos económicos , faze-lo através da violência .

Fine (2003) afirma que jovens em condições desfavorecidas economicamente usam a violência contra as namoradas para mostrarem a sua masculinidade. Igualmente Jefferson (1997) refere-se que a violência, surge como um método de compensação ,para os indivíduos que não têm outra forma de mostrar a sua masculinidade, e que possuem poucos recursos económicos e educacional, com uma posição socialmente desfavorável.

Vários estudos remetem a importância de considerar o género na compreensão da violência conjugal. Também Machado e Dias (no prelo) num artigo recente fazem uma revisão exaustiva dos estudos interculturais realizados sobre a violência conjugal conclui que não se pode falar de violência conjugal, sem falar da questão de género. Strauss (1999) afirma que a maior, parte do comportamento humano, no qual se inclui a violência, é influenciado por normas culturais em que as pessoas seguem prescrições culturais de actuação sem terem consciência disso, no caso da violência, as pessoas tendem a seguir regras e guiões implícitos que são diferentes para os homens e para mulheres, Strauss (1999).

Assim adoptar uma perspectiva na análise da violência conjugal implicará uma análise integrada do género e da violência. Não pretendemos com isto defender a noção de que a violência é exclusivamente um fenómeno de género, mas antes salientar que a análise da violência conjugal, sem considerar a natureza das reacções em que esta ocorre e os significados culturais que lhes estão associados não seriam uma análise verdadeiramente cultural. Por outro lado, o mesmo se aplica a noção de género e as relações de género influência não só o significado de ser mulher e de ser homem mas também, o modo como interagem a violência tem de passar a ser incluída na análise do género e das relações de género. Andersom (2005) e Strauss (1999).

Analisando casos investigados em casais da província de Benguela podemos afirmar que não podemos dissociar a violência da questão de género porque muitos relatos demonstram que certos homens, têm vários comportamentos alegando serem homens e estão no direito de o fazer, e ainda dizem tu és mulher, não deves fazer isto, só podes fazer aquilo.

Muitos homens, sobreponham-se a mulher mostrando a elas que por serem homens tudo pode fazer! Sendo assim até maltrata-las, abusando-as, psicologicamente, sexualmente, fisicamente, etc. É a forma muitas vezes que eles têm de mostrar, que são homens os chefes de família, e de mostrar que pelo facto de serem homens, estão acima da mulher.

1.5- Panorama Registos e Análise da Problemática Sobre Violência Conjugal em Angola.

Estudos feitos sobre a violência doméstica em Angola pelo Ministério da Família e Promoção da mulher (M INFAMU) e seus parceiros das nações unidas (NU) nomeadamente o programa das nações unidas para desenvolvimento (PNUD) FNUAP, UNIFPA, e UNIFEM, realizado em 5 das 18 províncias do país, um estudo feito de Setembro a Dezembro de 2007, nomeadamente Benguela, Huambo, Huila, Malanje e Luanda, o estudo visou compreender a problemática da violência baseada no género. De forma a contribuir para a formulação de políticas e estratégias governativas e comunitárias de combate a violência doméstica; a fim de se promover no país um processo de educação e cultura de tolerância, assente na perspectiva de igualdade e equidade entre homens e mulheres nas famílias (Ministério da família e promoção da mulher programa conjunto de género, relatório, de estudo sobre a violência doméstica em Angola).

Entender a situação da violência doméstica em Angola, pois segundo as autoridades, os níveis de violência doméstica em Angola, estariam a aumentar, muitas pessoas sustentam a ideia de que a principal causa da violência doméstica é a pobreza, material e outras opiniões quase unânime defendida pela maioria das mulheres entrevistadas é a de que, a violência doméstica manifesta-se principalmente na forma de violência física contra as mulheres.

Sobre um eventual aumento da violência, com a excepção da província de Malanje e Luanda, onde os dados e todas as pessoas entrevistadas reconhecem haver aumento dos casos de violência, nas restantes províncias, de todas informações chaves de entrevistas sobre o assunto, somente um (sacerdote católico) afirmou ter havido um aumento da violência doméstica no período 1978 a 2007 (segundo o padre, antes de 1978 os Angolanos eram pobres por isso não tinham excedentes para gastar com amantes ou constituir segundas famílias.

Todos são unânimes em reconhecer que não se trata de haver um aumento de casos de violência, o que se passa é que há uma maior publicitação e socialização do fenómeno, através dos órgãos de difusão (rádio e televisão) e da imprensa escrita. As vítimas têm agora mais coragem para denunciar os seus agressores e os violadores do que aurora. Em relação as causas da violência a pesquisa revelou, que a principal causa deste fenómeno não é a pobreza material. É mais correcto afirmar que a violência doméstica é causada por motivos económicos, do que propriamente pela pobreza! Na verdade tem havido mais violência entre famílias economicamente mais estáveis (pessoas bem posicionadas, e bem remuneradas) tanto quanto, entre famílias consideradas, mais pobres (pessoas sem ocupação, ou com emprego mal remunerados). Portanto, em Angola, tanto a escassez como a abundância de dinheiro são causas de violência doméstica. Os homens quando começam a ganhar mais dinheiro arranjam já muitas mulheres, até se formos a ver quando o homem não tem dinheiro é mais sossegado chega cedo em casa e arranja poucos problemas, no dia que tiver carro e dinheiro” aí” ! São palavras de uma ânsia entrevistada.

Uma análise mais profunda da questão revelou que a má distribuição de renda familiar por parte do marido, ou a fuga da responsabilidade em apoiar financeiramente os filhos (a paternidade), por parte de casais separados, são apontados como as maiores fontes de violência doméstica entre os conjugues (ou Ex conjugues).

Muitos casos de violência doméstica, nas famílias por parte do marido, esbanjamentos do seu salário e outros recursos, a seu bel-prazer, em detrimento do bem-estar da família. Nas famílias mais pobres (onde o marido e desocupado) o desejo de gerir as receitas da esposa tem sido a principal causa de violência. No primeiro caso, esse comportamento egoísta do marido, geralmente provoca ciúmes na mulher contra os amigos ou “catorzinhas” com os lares polígamos. Ciúme resulta em discussões constantes estas por sua vez em ofensas morais e psicológicas que conduzem a agressões físicas entre o casal, e lamentavelmente, só quando há lesões, ou chamadas apenas corporais graves é que o problema e considerado o crime pelos autoridades e instancias de direito uma lacuna da lei que e urgente ser superada.

Há uma tendência dos casais nos quais a esposa obtém mais rendimentos, e o homem é desocupado, haver muitos conflitos o homem torna-se agressivo, porquanto sente-se diminuído na sua dignidade, pois tradicionalmente o marido é tido como o “ganha-pão” e gestor de receitas da família. A recusa do cumprimento das normas tradicionais sobre a herança, a devolução “alambamento” quando a mulher decide separar-se do marido a punição do adultério, etc., tem sido igualmente uma fonte permanente de conflitos geralmente envolvendo toda família alargada. Este tipo de violência é resolvida de diferentes formas por diferentes povos por exemplo: na Província da Huila mas concretamente no município da Chibia o povo nhaneca-humbe encara de forma mais pacífica o adultério do que os povos das restantes 4 províncias, nomeadamente ovimbundo (Benguela e Huambo, Kimbundu Malanje) bem como os habitantes de Luanda. O homem apanhado em flagrante com a mulher alheia, paga ao ofendido um certo número de cabeça de gado bovino, em função do número de anos que o ofendido viveu com a mulher. Esta prática tem sido aproveitada por certos homens para extorquir gado aos outros alguns homens, se importar com a dignidade de suas esposas instruem-nas para se envolverem sexualmente com outros homens detentores de muito gado para serem indemnizados.

Uma análise mais profunda do complexo esquema de relações causa-efeito entre os diversos problemas que contribuem para a ocorrência do que chamamos aumento da violência doméstica, aí onde ele ocorre, indica que a causa mais profunda do fenómeno é o colapso do sistema nacional de educação, sobretudo a educação moral e cívica e a formação profissional. A perda de valores morais, a preparação inadequada dos jovens para a vida, a deficiente formação moral e profissional, e segundo os entrevistados religiosos, o afastamento do ensino da religião, está na base do actual estado da sociedade que, isso caracteriza a natureza da família, hodierna. “A violência moral e psíquica não é visível, porém, ela é muito grave e traumatizante do que a física. Depois há o aspecto cultural. Tradicionalmente a mulher, que é a principal vítima, foi preparada a aceitar a violência. Há mesmo um grande paradoxo: considera-se mais virtuosa a mulher que guarda segredo dos problemas do lar inclusive as agressões morais e físicas do que aquela que os

denúncia”. Palavra de um sacerdote católico. O número de casos de denúncia de violência no qual o homem é a vítima, e a esposa ou a amante a agressora, também tende a aumentar. Certamente, como foi dito acima, a pesquisa revelou que a violência manifesta-se primariamente na forma de ofensas morais e posteriormente, evolui para a agressão física contra a mulher, mas os centros de aconselhamento familiar, os comandos provinciais ou municipais da polícia e as procuradorias, tem registado casos em que o ofendido (neste caso a vítima) é o homem. “És o que um dos entrevistados disse a respeito”: os homens, talvez, por causa do orgulho tem mais dificuldades de denunciar esses casos ... prefere o silêncio do que a denúncia. Quando um homem diz que foi batido, as pessoas e até mesmo as autoridades, questionam-se como se deixou bater!”. A violência contra o homem, geralmente acontece quando o homem está embriagado, a mulher saturada com as humilhações do marido ou amante, aproveita o estado de fragilidade física deste, devido a embriagues, e geralmente golpeia-o com um objecto muito duro ou água quente, causando – lhe ferimentos graves ou mesmo a morte. A opção por parte da vítima da violência doméstica pela instituição capaz de dar solução ao seu problema, e influenciada por questões económicas, e varia em função da área de residência.

Os moradores das zonas urbanas e periurbanas procuram o apoio da polícia, dos centros de aconselhamentos e das igrejas, enquanto no meio rural procuram as autoridades do poder tradicional e a família. Em algumas províncias, as igrejas são as mais preferidas que a polícia e as autoridades tradicionais pois estas últimas exigem o pagamento de multas, castigos ou ainda “molhar as mãos do juízes tradicionais”, o que nem sempre está ao alcance dos agressores e violadores.

Dos vários tipos de violência doméstica identificados durante o estudo, apenas as, ofensas corporais com ferimentos graves, o homicídio, a difamação, a injúria, burlas e furtos, estão tipificados como crime no código penal. Os restantes, sobretudo os actos de violência doméstica mais dramáticos tais como ofensas morais, violência psíquica, fuga a paternidade, adultério, poligamia, despejo familiar e ameaças de morte, apenas para citar alguns, não estão tipificados como crimes. De acordo com algumas informações chave, a

constituição, o código penal e o código da família precisam de ser revistos, nomeadamente, em relação ao conceito de igualdade da mulher e do homem perante a lei, a tipificação de certos casos de violência doméstica, moral e psicológica como crimes, e inclusão de cláusulas que permitam, a quem de direito, inibir (ou prevenir) o crime desde o início, ou no caso de consumado, resolve-lo dentro do sistema da justiça, mas preferencialmente por via amigável sem encargos financeiros para as famílias.

Muitos países membros da ONU, incluindo Angola, ratificaram esses instrumentos sua excelência o senhor presidente da república, José Eduardo dos Santos, no seu discurso de fim de ano de 2006, lançou o desafio da “contenção da violência doméstica”, através de “medidas educativas e preventivas no seio da sociedade Angolana, recomendado iniciativas e acções de combate contra este mal plano nacional de violência e proposta de lei . A constituição Angolana, no seu artigo 29 consagra a “igualdade entre o homem e a mulher no seio da família, afirmando que ambos gozam dos mesmos direitos e ambos lhes cabem os mesmos deveres...” o artigo 43, do direito ao recurso aos tribunais; o direito ao trabalho (artigo 46) e igualmente um dever para todos os cidadãos, que tem direito a livre escolha do exercício de profissão, respeitados os requisitos estabelecidos por lei (artigo46.n .3).

O governo de Angola, através do MINFAMU e seus parceiros, tem realizado alguns estudos e publicados vários relatórios, tem organizado vários fóruns e participado em alguns eventos internacionais, que por si só, demonstram a crescente preocupação na abordagem das questões sobre violência doméstica. Por outro lado, os órgãos de comunicação social, nomeadamente a rádio e a televisão, os jornais, e vários grupos teatrais, vêm exercendo de um tempo a esta parte, um grande papel que tem contribuído bastante na consciencialização da sociedade Angolana em geral, no despertar das pessoas e das vítimas da violência doméstica em particular, na denúncia dos agressores e violadores, uma prática que não era frequente. Em muitos casos, esta atitude corajosa de algumas vítimas (a maioria ainda prefere não denunciar os seus agressores por medo de represálias ou de vir a perder alguns bens materiais, ou por medo de perder o seu lar) e confundida com o aumento dos níveis de violência. Outra preocupação no actual contexto, reside

no facto da legislação Angolana ter sido concebida como se em Angola, a realidade da vida matrimonial fosse exclusiva mente monogâmica. Isto pressupõe por exemplo, que em caso de morte, o inventário do património familiar (herança), seria facilmente distribuída ou atribuído ao “conjugue sobrevivente” . Artigo 75, n, 1, 2 e 3. Inquéritos feitos confirmam o que o relato das seguintes organizações a cima espelham, mulheres agredidas em relações amorosas queixam –se que são desprezadas quando seus parceiros começam a ganhar bem, esbanjam seu dinheiro com outras mulheres, bebem sem controlo, não apoiam, nem a casa os filhos muitas vezes abandonam suas casa.

Causas da violência doméstica Económicas - as causas da violência doméstica são diversas. Todavia, a pobreza material tem sido apontada por muitos como a principal causa. De facto o estudo revelou que a escassez de dinheiro nas famílias de baixa renda e a má gestão das receitas familiares economicamente mais estáveis, está na base da maior parte dos casos de violência doméstica por isso é mais correcto dizer que a violência doméstica é causada por motivos económicos do que dizer pela a pobreza.

Causais Sociais - uma análise mais profunda do complexo esquema de relações causa-efeito entre os diversos problemas que contribuem para o aumento da violência doméstica a perda de valores morais, a preparação inadequada dos jovens para a vida, incluindo a formação moral, cívica e profissional; a interferência de culturas, bem como, para os entrevistados religiosos, o afastamento do ensino da religião no currículo escolar, levou a um declínio da sociedade Angolana em geral e das famílias em particular de tal forma que, segundo um ilustre procurador, os homens e mulheres desta nação não constituem famílias!,” Sim, nós em Angola, não temos famílias! Temos aglomerados de pessoas dentro de uma casa, e nada mais “. Por isso é que temos estes problemas.

Já a cultura tem funcionando mais como um factor encorajador da prática da violência doméstica, por parte dos homens contra suas esposas ou filhos, e inibidor para as vitimas se manifestarem ou denunciarem do que como causa. A necessidade ou obrigatoriedade de respeitar os hábitos e costumes impostos

pela moral e pela religião ao longo dos séculos relativamente aos direitos e deveres do homem (marido), da mulher (esposa), dos pais e dos filhos na sociedade constituem num grande, se não mesmo, o principal factor potenciador da violência doméstica. Determinados privilégios que a cultura da maior parte dos povos de Angola confere aos homens, tais como o direito de ter mais de uma mulher e dos filhos trabalharem para o marido e pai, e obedecerem as suas ordens são alguns aspectos que potenciam os conflitos no lar. Em Angola, particularmente na província de Benguela as causas mas apontadas pelos entrevistados são: infidelidade por parte dos maridos, falta de apoio e atenção a família, consumo bastante de álcool, falta de dinheiro, muito dinheiro, quando as mulheres atingem grau elevado de escolaridade já não aceitam ser pisadas, são alguns casos focados, que confirmam a bibliografia acima consultada.

Papel das autoridades governamentais na intervenção e prevenção da problemática sobre violência conjugal.

É dever do estado apoiar vitimas de qualquer violência, em particular violência conjugal, criando condições especiais de atendimento para essa situação que geralmente é recorrente nos lares onde ela tem lugar, tendo a piorar com o passar do tempo, ou quando tem agravantes como alcoolismo, dificuldades financeiras, desemprego, etc. Por isso vários estados nacionais, e organismos internacionais passaram a investir em políticas, e propostas para precaução da violência, contra mulher principalmente contra a violência conjugal.

Sendo assim as autoridades locais “da cidade de Benguela” não fogem a regra criaram instituições, com objectivo de atendimento a casos de violência conjugal como por exemplo, a promoção da mulher, a O.M.A e outras instituições para além de atenderem crimes de violências diversas, atendem também problemas de violência conjugal.

O seguinte relato debruça-se, sobre entrevistas concebidas pelas autoridades locais, e instituições especializada no assunto “ (em Benguela). a violência conjugal na cidade de Benguela nos últimos anos é um problema que se tem vindo a debater, visto que os números de casos tendem a aumentar, mas tem se confrontado com um grande problema, segundo relatos de uma entidade da

investigação criminal de Benguela, tem constatado mesmo com abertura, e o apelo pela média, e outros , no que diz respeito a denúncias no caso de violência, ainda existe pouca denúncia por parte dos conjugues violentados , no que diz respeito , a zona urbana segundo esta fonte, da área de crimes contra pessoas , as vítimas que mais prestam queixas são vítimas da zona sob urbana, as da zona urbanas pouco aparecem, e quando aparecem, talvez por um impulso, posteriormente voltam para se desculpar e retirar a queixa ,o que muitas vezes dificulta o trabalho tanto como prevenção e também como estatística outras pessoas , ficam com receio de queixar, por vergonha, de ser espancada, e pela reacção do parceiro, etc.

Segundo registos estatísticos da investigação criminal em Benguela, No ano 2010 foram registados 127 casos de violência, conjugal entre os quais 123 contra esposas, e 4 contra esposos, que correspondem a homicídios voluntários, ou ofensas corporais voluntárias, 130 casos de ofensas corporais foram remetidos ao tribunal (ou ministério público) os demais chegaram a um consenso, entre os casais, e outros foram arquivados.

O tratamento no caso de homicídio, para um dos conjugues, é a pressão, ofensas corporais voluntárias em geral são soltos e pagam uma calção, ou enviam para a promoção da mulher, existe um número, SOS 113 que serve, para atender casos de emergências geral, não especificamente para violência conjugal., existem ainda outras redes de apoio, que controlam e tratam de casos relacionados com violência conjugal, nomeadamente rede mulher, promoção da mulher, centro de aconselhamento jurídico da (OMA) que resolvem problemas aconselhando, e encaminhando para a policia os casos de crimes que necessitam de um julgamento. Sendo assim estas instituições têm também a sua estatística dos casos que atendem.

Dados obtidos junto da promoção da mulher que também é uma instituição que apoia vítimas de violência conjugal, o seu atendimento é baseado na escuta de ambas as partes, formulando um convite e não uma notificação, ao agressor, passam pela escuta de ambas as partes como frisado anteriormente, posteriormente por um aconselhamento caso haja entendimento, ou satisfação por parte do casal, durante o aconselhamento encerra-se o caso e , continua um acompanhamento ao domicilio com vista a um acompanhamento do

comportamento temporário do casal ao domicílio. Caso não haja entendimento, e também pela natureza do crime ou do problema, o caso é encaminhado para sala de família (tribunal). Quando o caso é agressão física é logo encaminhado para técnica de investigação porque já se está perante um crime.

Concluindo dizer, que nesta instituição usam 3 passos no atendimento, que são; atendimento, aconselhamento, encaminhamento.

Os instrumentos jurídicos que é o código da família, com o título de “habilidades no aconselhamento jurídico”, também nota-se uma elevada presença da população da zona suburbana que procuram os serviços, nota-se pouca fluência da população da zona urbana muitas vezes aparecem para fazerem a queixa depois de um tempo também retiram a queixa dizendo preservar a reputação do parceiro, e outros factores. Assim sendo dados estatísticos referentes ao ano de 2010 mostram que: segundo o tipo de violência, a maior prevalência é a violência física, com 229 casos, sendo a ofensa moral com 159 casos. Sendo o género masculino em ofensas físicas como vítima 9 casos, já o sexo feminino como vítima detectou-se 220 Casos. Em ofensas morais, como vítima o sexo masculino como vítima detectou-se 60 casos, e o sexo feminino como vítima detectou-se 99 casos.

Já os serviços de atendimento a violência conjugal da OMA “organização da mulher Angolana “de entre várias actividades, também têm um gabinete de atendimentos, a vítima de violência conjugal, igualmente frisou uma maior aderência de mulheres ao serviço e pertencendo a zona suburbana. Atendendo vários casos cujo atendimento não difere das outras instituições consultadas, utilizam o atendimento, aconselhamento, e encaminhamento, só que ai o aconselhamento é feito baseado na experiência de vida, não tendo uma regra ou norma específica a seguir, e os conselheiros são profissionais formados na área.

Relatos de agentes policiares destacados no piquete do hospital central de Benguela, revelam que a um número elevado de vítimas que recorrem aos serviços mas aos fins de semana, durante os dias normais, 4 a 5 vítimas por dia, e os casos mas atendidos são casos de violência de homens contra mulheres, mas não querendo dizer com isso que não aparecem crimes de

mulheres contra homens, o que se regista e que os homens nem sempre querem encaminhar o caso para a investigação criminal, talvez por vergonha de ter sido agredido pela mulher, ou por pena dela ser detida, e os filhos ficarem abandonados, já as mulheres nem sempre tendem esta pena “palavras de um agente do piquete” As vitimas são sempre tratadas da mesma forma, depois de serem atendidas pelo médico que faz o diagnóstico posteriormente, se existir crime o agressor é encaminhado para a investigação criminal

e formar o processo e posterior ao ministério publico, caso segue um crime mas leve é encaminhado para a promoção da mulher. (Os vários estudos feitos em Angola, por várias instituições, preocupadas com a problemática, da violência conjugal, tem sortido efeitos porque nota-se mas abertura no tratamento do problema, nota-se mulheres e não só também homens a procura de instituições, próprias que atendem casos de violência, conjugal, a denunciarem conjugues, ou em busca de ajuda, sentem-se mais seguros ao procurar ajuda de género O que não ocorria antes, também esteve-se muito tempo a espera de uma lei que condena-se a violência doméstica, depois de muito tempo esta lei foi aprovada isto no corrente ano, no mês de Agosto, lei esta que vai ajudar a banir, ou a minimizar esta violência que tem sido motivo de vários debates por partes das autoridades locais

Existe em Angola várias organizações que atendem casos de violência conjugal, organizando vários seminários, palestras e manifestações, sobre o assunto o que mostra que o governo, as igrejas etc.. Estão preocupados com esta problemática, fazendo constantemente uma estatística, ou estudos analisando assim se os níveis da violência tendem a reduzir ou não.) Ainda há mulheres que por várias razões não dão queixa, ou se fazem de seguida vão retirar, alegando que o ofensor acima de tudo é pai dos filhos mostrando-se arrependida por o ter queixado.

CAPITULO II - METODOLOGIA

2.1 Justificação do Tema

A violência conjugal é um fato que se assiste em quase todo mundo e Angola não é excepção, pois que desde os tempos remotos tais práticas tem sido registrado de forma aberta e outras de forma encoberta por parte das vítimas dai a pertinência do tema, com este trabalho procura-se avaliar a prevalência de diferentes comportamentos de violência conjugal e avaliar, se existem diferenças de violência tendo em conta algumas variáveis demográficas.

2.2 Objectivo Geral

Tendo em conta os níveis de violência conjugal em relações passadas e presentes, na perspectiva de, ofensor e de vítima, tentar avaliar a prevalência de cada um dos comportamentos de violência nesta amostra da população Angolana, bem como comparar os resultados de acordo com variáveis demográficas.

2.3 Questões de Investigação

Tendo em conta os níveis de violência conjugal (total, física, e emocional) em relações passadas e presentes, na perspectiva de ofensor e de vítima.

1- Qual a prevalência de cada um dos comportamentos de violência.

2- Existiram diferenças de género, meio de residência, faixa etária, profissão, e estado civil.

2.4 Desenho de Investigação

O desenho de investigação do presente trabalho é do tipo transversal, descritivo, exploratório e comparativo.

2.5 Amostra

Apresenta-se de seguida a caracterização da amostra estudada através da sua distribuição por faixas etárias, idade, género, habilitações, profissão, estado civil e meio de residência.

Tabela 1. Distribuição por Género

Género	Frequência (N)	Percentagem (%)
Masculino	200	50,0
Feminino	200	50,0

Conforme se vê na tabela1 há uma distribuição equitativa por género.

Tabela 2. Distribuição por Faixa Etária

Idades	N	(%)
18 a 25 anos	141	35,3
26 a 35 anos	154	38,5
36 a 45 anos	72	18,0
46 a 55 anos	23	5,8
56 a 60 anos	10	2,5
Total	400	100,0

A tabela 2.mostra-nos existir uma predominância das faixas etárias mais jovens, ou seja entre os 18-25 anos (35,3%) e os 26,35 anos (38,5%), e estando as restantes faixas etárias menos representadas.

Tabela 3. Distribuição por Profissão

Profissão	N	%
Missing	2	,5
Funcionário público	64	16,0
Doméstica	42	10,5
Negociante	60	15,0
Estudante	57	14,3
Mecânico	13	3,3
Enfermeiro (a)	34	8,5
Professor (a)	86	21,5
Electricista	10	2,5
Pedreira	12	3,0
Empregada Domestica	10	2,5
Motorista	10	2,5
Total	400	100,0

Em termos profissionais (tabela 3) existe uma percentagem mais elevada de professores (21,5%) seguida com percentagens muito próximas entre funcionários públicos (16%) negociantes (15%) e estudantes (14,3%).

Tabela 4. Distribuição por habilitações

Nível de Escolaridade	N	%
Ensino primário	89	22,3
Ensino secundário	110	27,5
Ensino médio	145	36,3
Ensino superior	47	11,8
Pós-graduação	4	1,0
Mestrado	5	1,3
Total	400	100,0

Na tabela 4, a distribuição por habilitações literárias mostra que na nossa amostra estão mas representados os ensinos médios (36,3%), secundário (27,5%) e primário (22,3%).

Tabela 5. Distribuição por Estado Civil

Condição Marital	N	%
Solteiro	98	24,5
Casado/ união de facto	233	58,3
Divorciado/separado	50	12,5
Viúvo	18	4,5
Total	399	99,8
Missing	1	,3
Total	400	100,0

A maioria dos inqueridos (tabela 5) é casada ou vive em união de factos (58,3%) seguindo-se o estatuto do solteiro.

Tabela 6. Distribuição por Habitação

Condição Habitacional	N	%
0	4	1,0
Meio rural	201	50,3
Meio urbano	81	20,3
Periferia	114	28,5
Total	400	100,0

Quanto ao meio de residência, conforme se pode ver na tabela 6, cerca de metade da amostra é do meio rural (50,3%) estando o meio urbano (20,3%) e periferia (28,5%) próximos entre si.

2.6. Instrumentos

Para a recolha de dados utilizou-se, o questionário de IVC (inventário de violência conjugal de Machado, Matos e Gonçalves, 2000) de 4 páginas

Que destina-se a avaliar a prevalência dos diferentes actos de mal tractos, físicos e emocionais exercidas no contexto de relações de tipo conjugal.

O referido inquérito contem 21 perguntas que abordam questões como: indicar os tipos de comportamentos que já usou com o seu parceiro (A) actual, e os que o seu parceiro (A) já usou consigo reportando – se ao último ano Ex: puxar o cabelo com força. Insultar, difamar, ou fazer afirmações graves para humilhar, ou ferir dar uma bofetada, apertar o pescoço, ameaçar com armas, ou usando de força física, partir ou danificar coisas intencionalmente etc.

Caso a resposta a qualquer uma destas questões seja afirmativa, pergunta-se, se este comportamento ocorreu uma única vez, ou mais do que uma única vez, na parte B do inventário este procedimento é repetido tendo como referência as relações passadas.

2.7. Procedimentos

Na primeira fase fez-se os contactos necessários com as administrações municipais, endereçando uma carta, solicitando que autorizassem que o investigador procedesse a aplicação do inquérito IVC para recolha de dados nos seus municípios. Depois da autorização, o investigador solicitou aos casais a sua participação explicando-lhes os objectivos gerais do estudo e garantindo a confidencialidade e anonimato dos dados e a liberdade de participação

Com consentimento informado, foi depois solicitado o preenchimento do IVC pelos próprios inquiridos, em condições em que as habilitações escolares não o permitiram, o investigador fez a leitura das questões e registou as respostas, antecedendo de explicações necessária sobre o seu preenchimento as 4

opções que envolvem, cada resposta os 20 itens das partes A e B do IVC têm uma pontuação de 0 a 2.

2.8. Tratamento e Análise dos Dados

Feita a recolha de dados, os mesmos foram codificados para melhor identificar cada participante e os dados foram inseridos e tratados no programa estatístico IBM SPSS Estatísticas 19, com recurso a análises descritivas para caracterização da amostra e distribuição de frequência de práticas educativas e testes t e a nova para comparação entre grupos.

CAPITULO III – RESULTADOS

3.1. Prevalências de Violência nas Relações Actuais como Ofensor

Tabela 7. Prevalência de Violência nas Relações actuais como Ofensor
Questões

	Nº	%
puxar os cabelos com força		
- nunca	335	83,8
- uma vez	28	7,0
- mais que uma vez	37	9,2
insultar difamar		
- nunca	240	60,0
- uma vez	57	14,2
- mais que uma vez	103	25,8
dar uma bofetada		
- nunca	240	60,0
- uma vez	66	16,5
- mais que uma vez	94	23,5
apertar o pescoço		
- nunca	339	84,8
- uma vez	31	7,8
- mais que uma vez	30	7,5
ameaçar com armas e outros objectos cortantes		
- nunca	326	81,5
- uma vez	36	9,0
- mais que uma vez	37	9,2
partir ou danificar coisas intencionalmente		
- nunca	324	81,0
- uma vez	40	10,0
- mais que uma vez	35	8,8
acordar ao meio da noite para causar medo		
- nunca	350	87,5
- uma vez	21	5,2
- mais que uma vez	28	7,0
dar um murro		
- nunca	336	84,0
- uma vez	26	6,5
- mais que uma vez	36	9,0
impedir o contacto com outras pessoas		
- nunca	231	57,8

- uma vez	46	11,5
- mais que uma vez	121	30,2
atirar com objecto à outra pessoa		
- nunca	303	75,8
- uma vez	56	14,0
- mais que uma vez	40	10,0
dar uma sova		
- nunca	297	74,2
- uma vez	27	6,8
- mais que uma vez	75	18,8
dar pontapés ou cabeçadas		
- nunca	344	86,0
- uma vez	25	6,2
- mais que uma vez	30	7,5
dar empurrões violentos		
- nunca	320	80,8
- uma vez	45	11,2
- mais que uma vez	34	8,5
perseguir na rua os outros para causar medo		
- nunca	337	84,2
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	28	7,0
bater com a cabeça contra a parede ou chão		
- nunca	349	87,2
- uma vez	25	6,2
- mais que uma vez	24	6,0
causar ferimento que não precisou de assistência médica		
- nunca	327	81,8
- uma vez	48	12,0
- mais que uma vez	24	6,0
causar ferimentos que necessitaram de assistência médica		
- nunca	349	87,2
- uma vez	20	5,0
- mais que uma vez	30	7,5
forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra sua vontade		
- nunca	299	74,8
- uma vez	20	5,0
- mais que uma vez	80	20,0
ficar com o salário da outra pessoa ou não dar o necessário para as despesas		
- nunca	343	85,8
- uma vez	14	3,5
- mais que uma vez	42	10,5
gritar ou ameaçar para causar medo		
- nunca	305	76,2
- uma vez	41	10,2
- mais que uma vez	53	13,2

A tabela 7 mostra –nos a prevalência de violência nas relações actuais como ofensor. sobressaimos que , com percentagens superiores a 20% de respostas “mais do que uma vez “. Aparecem os itens: insultar, defamar(25%) dar uma bofetada (23%9 impedir contacto com outras pessoas (30,2%) forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade(20%).

3.2. Prevalências de Violência nas Relações Actuais como Vítima

Tabela 8. Prevalência de violência nas relações actuais como vítima

Questões	N	%
Puxar os cabelos com força		
- nunca	311	77,8
- uma vez	32	8,0
- mais que uma vez	56	14,0
Insultar defamar		
- nunca	196	49,0
- uma vez	65	16,2
- mais que uma vez	138	34,5
Dar uma bofetada		
- nunca	202	50,5
- uma vez	66	16,5
- mais que uma vez	131	32,8
Apertar o pescoço		
- nunca	312	78,2
- uma vez	35	8,8
- mais que uma vez	52	13,0
Ameaçar com armas e outros objectos cortantes		
- nunca	305	76,2
- uma vez	41	10,2
- mais que uma vez	53	13,2
Partir ou danificar coisas intencionalmente		
- nunca	299	74,8
- uma vez	42	10,5
- mais que uma vez	55	13,8
Acordar ao meio da noite para causar medo		
- nunca	316	79,0
- uma vez	33	8,2
- mais que uma vez	50	12,5
Dar um murro		
- nunca	311	77,8
- uma vez	37	9,2
- mais que uma vez	51	12,8
Impedir o contacto com outras pessoas		
- nunca	211	52,8
- uma vez	46	11,5
- mais que uma vez	142	35,5
Atirar com objecto à outra pessoa		

- nunca	295	73,8
- uma vez	44	11,8
- mais que uma vez	60	15,0
Dar uma sova		
- nunca	274	68,5
- uma vez	26	6,5
- mais que uma vez	99	24,8
Dar pontapés ou cabeçadas		
- nunca	323	80,8
- uma vez	29	7,2
- mais que uma vez	47	11,8
Dar empurrões violentos		
- nunca	293	73,2
- uma vez	47	11,8
- mais que uma vez	59	14,8
Perseguir na rua os outros para causar medo		
- nunca	302	75,5
- uma vez	45	11,2
- mais que uma vez	51	12,8
Bater com a cabeça contra a parede ou chão		
- nunca	334	83,5
- uma vez	28	7,0
- mais que uma vez	37	9,2
Causar ferimento que não precisou de assistência médica		
- nunca	299	74,8
- uma vez	46	11,5
- mais que uma vez	54	13,5
Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica		
- nunca	326	81,5
- uma vez	32	8,0
- mais que uma vez	41	10,2
Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra sua vontade		
- nunca	281	70,2
- uma vez	19	4,8
- mais que uma vez	99	24,8
Ficar com o salário da outra pessoa ou não dar o necessário para as despesas		
- nunca	311	77,8
- uma vez	10	2,5
- mais que uma vez	78	19,5
Gritar ou ameaçar para causar medo		
- nunca	282	70,5
- uma vez	40	10,5
- mais que uma vez	70	17,5

A tabela 8 mostra-nos a prevalência de violência nas relações actuais como vítima também o tipo de itens que apresentam percentagens superiores a 20% são concordantes com os da tabela anterior (ofensor) insultar defamar (34,5%) dar uma bofetada (32,8%) impedir o contacto com outras pessoas(35,5%) dar uma sova sexuals contra a vontade(24,8%).

3.3. Prevalência de Violência nas Relações Passadas como Ofensor

Tabela 9. Prevalência de Violência nas Relações Passadas como Ofensor

Questões	N	%
Puxar os cabelos com força		
- nunca	200	50,0
- uma vez	40	10,0
- mais que uma vez	65	16,2
Insultar defamar		
- nunca	186	46,5
- uma vez	45	11,2
- mais que uma vez	74	18,5
Dar uma bofetada		
- nunca	171	42,8
- uma vez	53	13,2
- mais que uma vez	81	20,2
Apertar o pescoço		
- nunca	204	51,0
- uma vez	38	9,5
- mais que uma vez	63	15,8
Ameaçar com armas e outros objectos cortantes		
- nunca	206	51,5
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	65	16,2
Partir ou danificar coisas intencionalmente		
- nunca	205	51,2
- uma vez	39	9,8
- mais que uma vez	59	14,8
Acordar ao meio da noite para causar medo		
- nunca	206	51,5
- uma vez	38	9,5
- mais que uma vez	59	14,8
Dar um murro		
- nunca	199	49,8
- uma vez	47	11,8
- mais que uma vez	58	14,4
Impedir o contacto com outras pessoas		
- nunca	189	47,2
- uma vez	45	11,2
- mais que uma vez	70	17,5
Atirar com objecto à outra pessoa		

- nunca	201	50,2
- uma vez	42	10,5
- mais que uma vez	60	15,0
Dar uma sova		
- nunca	192	48,0
- uma vez	41	10,2
- mais que uma vez	69	17,2
Dar pontapés ou cabeçadas		
- nunca	204	51,0
- uma vez	40	10,0
- mais que uma vez	60	15,0
Dar empurrões violentos		
- nunca	200	50,0
- uma vez	41	10,2
- mais que uma vez	63	15,8
Perseguir na rua os outros para causar medo		
- nunca	211	52,8
- uma vez	36	9,0
- mais que uma vez	57	14,2
Bater com a cabeça contra a parede ou chão		
- nunca	214	53
- uma vez	33	8,2
- mais que uma vez	57	14,2
Causar ferimento que não precisou de assistência médica		
- nunca	209	52,2
- uma vez	36	9,0
- mais que uma vez	59	14,8
Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica		
- nunca	208	52,0
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	61	15,2
Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra sua vontade		
- nunca	203	50
- uma vez	36	9,0
- mais que uma vez	66	16,5
Ficar com o salário da outra pessoa ou não dar o necessário para as despesas		
- nunca	206	51,5
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	63	15,8
Gritar ou ameaçar para causar medo		
- nunca	198	49,5
- uma vez	40	10,0
- mais que uma vez	65	16,2

A prevalência de violência nas relações passadas como ofensor (tabela 9) mostra que apenas o item “ dar uma bofetada” (20,2%) apresenta percentagem de muito frequente acima dos 20%.

3.4. Prevalência de Violência nas Relações Passadas como Vítima

Tabela 10. Prevalência de violência nas relações passadas como vítima

Questões	N	%
Puxar os cabelos com força		
- nunca	223	55,8
- uma vez	35	8,8
- mais que uma vez	43	10,8
Insultar defamar		
- nunca	206	51
- uma vez	36	9,0
- mais que uma vez	60	15,0
Dar uma bofetada		
- nunca	190	47,5
- uma vez	46	11,5
- mais que uma vez	66	16,5
Apertar o pescoço		
- nunca	226	56,5
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	63	15,8
Ameaçar com armas e outros objectos cortantes		
- nunca	206	51,5
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	65	16,2
Partir ou danificar coisas intencionalmente		
- nunca	205	51,2
- uma vez	39	9,8
- mais que uma vez	59	14,8
Acordar ao meio da noite para causar medo		
- nunca	206	51,5
- uma vez	38	9,5
- mais que uma vez	59	14,8
Dar um murro		
- nunca	199	49,8
- uma vez	47	11,8
- mais que uma vez	58	14,5
Impedir o contacto com outras pessoas		
- nunca	189	47,2
- uma vez	45	11,2
- mais que uma vez	70	17,5
Atirar com objecto à outra pessoa		
- nunca	201	50,2
- uma vez	42	10,5
- mais que uma vez	60	15,0
Dar uma sova		
- nunca	192	48,0
- uma vez	41	10,2
- mais que uma vez	69	17,2

Dar pontapés ou cabeçadas		
- nunca	204	51,0
- uma vez	40	10,0
- mais que uma vez	60	15,0
Dar empurrões violentos		
- nunca	200	50,0
- uma vez	41	10,2
- mais que uma vez	63	15,8
Perseguir na rua os outros para causar medo		
- nunca	211	52,8
- uma vez	36	9,0
- mais que uma vez	57	14,2
Bater com a cabeça contra a parede ou chão		
- nunca	214	53,5
- uma vez	33	8,2
- mais que uma vez	57	14,2
Causar ferimento que não precisou de assistência médica		
- nunca	209	52,2
- uma vez	36	9,0
- mais que uma vez	59	14,8
Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica		
- nunca	208	52,0
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	61	15,2
Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra sua vontade		
- nunca	203	50,8
- uma vez	36	9,8
- mais que uma vez	66	16,5
Ficar com o salário da outra pessoa ou não dar o necessário para as despesas		
- nunca	206	51,5
- uma vez	34	8,5
- mais que uma vez	63	15,8
Gritar ou ameaçar para causar medo		
- nunca	198	49,5
- uma vez	40	10,0
- mais que uma vez	65	16,2

A prevalência de violência nas relações passadas como vítima (tabela 10) mostra que nenhum dos itens recebe resposta “mais do que uma vez” superior a 20%.

3.5. Distribuição de Médias e Desvios Padrões nas Relações Actuais por Género

Tabela 11. Médias e Desvios Padrões nas Relações Presentes

	Género	N	Média	Desvio Padrão
Relação Actual Total Ofensor	Feminino	198	3,01	4,526
	Masculino	200	10,36	11,942
Relação Actual Total Violência Física Ofensor	Feminino	198	1,53	2,813
	Masculino	200	6,47	7,925
Relação Actual Total Violência Emocional Ofensor	Feminino	198	1,48	2,141
	Masculino	201	3,88	4,244
Relação Actual Total Vítima	Feminino	198	14,63	13,047
	Masculino	201	3,63	6,164
Relação Actual Total Violência Física Vítima	Feminino	198	9,14	8,739
	Masculino	201	1,75	3,887
Relação Actual Total Violência Emocional Vítima	Feminino	198	5,49	4,671
	Masculino	201	1,89	2,633

Verifica-se (tabela11) que os homens apresentam sempre médios superiores de violência (física ou emocional) e as mulheres apresentam médias superiores de vitimação.

3.6. Distribuição de Médias e Desvios Padrões nas Relações Passadas por Género

Tabela 12. Médias e Desvios Padrões nas Relações Passadas

	Género	N	Média	Desvio Padrão
Relação Passada Total Ofensor	Feminino	154	7,68	13,744
	Masculino	149	14,54	15,904
Relação Passada Total Violência Física Ofensor	Feminino	154	4,96	9,023
	Masculino	150	9,51	10,471
Relação Passada Total Violência Emocional Ofensor	Feminino	151	4,48	5,227
	Masculino	151	1,58	3,322
Relação Passada Total Vítima	Feminino	151	12,79	14,825
	Masculino	151	4,21	9,333
Relação Passada Total Violência Física Vítima	Feminino	151	8,31	9,674
	Masculino	151	2,64	6,141
Relação Passada Total Violência Emocional Vítima	Feminino	154	2,71	4,787
	Masculino	149	5,02	5,505

No que se refere a violência em relações passadas, os homens apresentam médias médias superiores no total de violência e em violência emocional também como vítimas, as mulheres têm médias superiores em violência total e física mas no que toca a ser vítima de violência emocional os homens apresentam valores mas elevados.

3.7. Comparação dos Resultados da Violência Conjugal (como Ofensor e como Vítima) nas Relações Actuais e Passadas por Género.

Tabela 13. Diferenças entre Géneros Quanto a Totais como Ofensores e Vítimas em Relações Passadas e Actuais

	Género	Média	t	df	p
Relações Actuais Total Violência física Ofensor	Feminino	1,53	-8,302	248,820	,000
	Masculino	6,47			
Relações Actuais Total Violência Emocional Ofensor	Feminino	1,48	-7,149	296,610	,000
	Masculino	3,88			
Relações Actuais Total Violência Física Vítima	Feminino	9,14	10,886	271,138	,000
	Masculino	1,75			
Relações Actuais Total Violência Emocional Vítima	Feminino	5,49	9,490	309,738	,000
	Masculino	1,75			
Relações Passadas Total Violência Física Ofensor	Feminino	4,96	4,050	293,135	,000
	Masculino	9,51			
Relações Passadas Total Violência Emocional Ofensor	Feminino	4,48	5,756	254,167	,000
	Masculino	1,58			
Relações Passadas Total Violência Física Vítima	Feminino	8,31	6,086	254,002	,000
	Masculino	2,64			
Relações Passadas Total Violência Emocional Vítima	Feminino	2,71	3,886	292,381	,000
	Masculino	5,02			

Na tabela 15, podemos verificar que existem diferenças significativas de género para todos os aspectos.

Assim, relativamente a violência física nas relações actuais como ofensor, as diferenças são significativas, $t(248,82)=-8,302$, $p<0,000$, sendo que os homens apresentam médias superiores (média = 6,47) às mulheres (média = 1,53).

Relativamente a violência emocional nas relações actuais como ofensor, as diferenças são significativas, $t(296,6)=-7,149$, $p<0,000$, sendo que os homens apresentam médias superiores (média = 3,88) às mulheres (média = 1,48).

Relativamente a violência física nas relações actuais como vítima, as diferenças são significativas, $t(271,13) = 10,886$, $p < 0,000$, sendo que as mulheres apresentam médias superiores (média = 9,14) aos homens (média = 1,75).

Já no que se refere a relações passadas, na violência física nas relações passadas como ofensor, as diferenças são significativas, $t(293,13) = 4,050$, $p < 0,000$, sendo que os homens apresentam médias superiores (média = 9,51) às mulheres (média = 4,96).

Na violência emocional nas relações passadas como ofensor, as diferenças são significativas, $t(254,16) = 5,756$, $p < 0,000$, sendo que as mulheres apresentam médias superiores (média = 4,48) aos homens (média = 1,58).

Na violência física nas relações passadas como vítima, as diferenças são significativas, $t(254,00) = 6,086$, $p < 0,000$, sendo que as mulheres apresentam médias superiores (média = 8,31) aos homens (média = 2,64).

Finalmente, na violência emocional nas relações passadas como vítima, as diferenças são significativas, $t(292,38) = 3,886$, $p < 0,000$, sendo que os homens apresentam médias superiores (média = 5,02) às mulheres (média = 2,71).

3.8. Comparação dos Resultados da Violência Conjugal (como Ofensor e como Vítima) nas Relações actuais e Passadas por idades, Habilitações, estado civil, Profissão e Residência.

3.8.1. Relações actuais como Ofensor

Tabela 14. Diferenças por Idades, habilitações, Estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Actuais como Ofensor

Variável		N	Média de violência	F	Df	p				
Faixa etária:	18 a 25 anos	139	5,4820	3,186	4	0,014				
	26 a 35 anos	153	8,8235							
	36 a 45 anos	72	5,4306							
	46 a 55 anos	23	5,8261							
	56 a 60 anos	10	2,7000							
Habilitações:	Ensino primário	89	9,1011	2,082	5	0,067				
	Ensino secundário	110	7,3000							
	Ensino médio	143	5,5524							
	Ensino superior	46	4,6739							
	Pós-graduação	4	6,0000							
	Mestrado	5	3,0000							
Estado civil:	Solteiro	96	4,3229	4,665	3	0,003				
	Casado/união de facto	232	8,0517							
	Divorciado/separado	50	6,7600							
	Viúvo	18	2,3889							
Profissão:	Funcionário público	65	8,3067	15,408	10	0,000				
	Doméstica	42	2,8333							
	Negociante	59	6,9492							
	Estudante	57	3,5789							
	Mecânico	13	17,0000							
	Enfermeiro	33	4,4545							
	Professor	86	4,0233							
	Electricista	10	17,6000							
	Pedreira	12	29,1667							
	Empregada doméstica	10	7,2000							
	Motorista	10	7,9000							
	Residência:	Meio rural	201				8,1741	4,668	2	0,010
		Meio urbano	82				5,0854			
Periferia		114	5,2982							

A tabela 15 mostra-nos que existem diferenças estatisticamente significativas para todas as variáveis consideradas.

Assim, em relação à faixa etária, $F(4) = 3,202$, $p = 0,013$, o grupo dos 26-35 anos (média=8,92) apresenta médias superiores aos restantes. Relativamente às habilitações, $F(5) = 3,205$, $p = 0,008$, o grupo de ensino primário (média=9,7978) apresenta valores mais elevados do que os restantes. Quanto a estado civil, $F(3) = 4,847$, $p = 0,003$, o grupo de casados/união de facto (média = 8,1681) e divorciado/separado (média = 7,699) apresentam valores mais elevados do que os viúvos. Em termos de profissão, $F(10) = 13,775$, $p < 0,001$, o grupo de pedreira (média = 27,08), com valores mais elevados, diferencia-se dos restantes. Finalmente quanto a meio de residência, $F(2) = 5,322$, $p = 0,005$, o grupo de meio rural (média = 8,383), apresenta valores superiores aos restantes.

3.8.2. Relações Actuais como Vítima

Tabela 15. Diferenças por Idades, habilitações, Estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Actuais como Vítima

Variável	N	Média de violência	F	df	p	
Faixa etária:	18 a 25 anos	139	5,8417	3,202	4	0,013
	26 a 35 anos	153	8,9150			
	36 a 45 anos	72	6,0417			
	46 a 55 anos	23	6,0435			
	56 a 60 anos	10	3,1000			
Habilitações:	Ensino primário	89	9,7978	3,205	5	0,008
	Ensino secundário	110	7,4636			
	Ensino médio	143	5,7762			
	Ensino superior	46	4,8261			
	Pós-graduação	4	6,0000			
	Mestrado	5	3,2000			
Estado civil:	Solteiro	96	4,6667	4,847	3	0,003
	Casado/união de facto	232	8,1681			
	Divorciado/separado	50	7,6000			
	Viúvo	18	3,2222			
Profissão:	Funcionário público	65	8,9077	13,775	10	0,000
	Doméstica	42	4,7381			
	Negociante	59	7,3559			
	Estudante	57	4,0702			
	Mecânico	13	15,000			
	Enfermeiro	33	4,8788			
	Professor	86	4,3953			

	Electricista	70	16,9000			
	Pedreira	12	27,0833			
	Empregada doméstica	10	8,6000			
	Motorista	10	7,5000			
Residência:	Meio rural	207	8,3831	5,322	2	0,005
	Meio urbano	82	5,0122			
	Periferia	114	6,0088			

A tabela 16 mostra-nos que existe diferenças estatisticamente significativas para todas variáveis consideradas.

3.8.3. Relações passadas como ofensor

Tabela 16. Diferenças por Idades, Habilitações, Estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Passadas como Ofensor

Variável	N	Média de violência	F	Df	P					
Faixa etária:	19 a 25 anos	103	9,3689	0,481	4	0,750				
	26 a 35 anos	122	8,1803							
	36 a 45 anos	48	9,5000							
	46 a 55 anos	17	5,1176							
	56 a 60 anos	9	7,7778							
Habilitações:	Ensino primário	71	9,4507	1,490	5	0,193				
	Ensino secundário	79	7,1392							
	Ensino médio	107	9,8318							
	Ensino superior	35	5,6000							
	Pós-graduação	3	4,3933							
	Mestrado	4	20,0000							
Estado civil:	Solteiro	68	8,3824	0,286	3	0,836				
	Casado/união de facto	176	9,0114							
	Divorciado/separado	41	8,2683							
	Viúvo	14	5,7857							
Profissão:	Funcionário público	52	7,8462	1,607	10	0,104				
	Doméstica	29	9,6207							
	Negociante	48	7,2083							
	Estudante	39	9,3846							
	Mecânico	10	1,2000							
	Enfermeiro	25	12,2400							
	Professor	65	9,0615							
	Electricista	7	3,0000							
	Pedreira	10	6,4000							
	Empregada doméstica	6	23,3333							
	Motorista	8	5,6250							
	Residência:	Meio rural	154				10,6494	3,929	2	0,021
		Meio urbano	62				6,1129			
		Periferia	83				6,7108			

Conforme mostra a tabela 17 só a variável meio rural é significativa.

3.8.4. Relações Passadas como Vítima

Tabela 17. Diferenças por Idades, Habilitações, estado Civil, Profissão e Residência na Violência nas Relações Passadas como Vítima

Variável	N	Média de violência	F	Df	P					
Faixa etária:	19 a 25 anos	103	9,3689	0,481	4	0,750				
	26 a 35 anos	122	8,1803							
	36 a 45 anos	48	9,5000							
	46 a 55 anos	17	5,1176							
	56 a 60 anos	9	7,7778							
Habilitações:	Ensino primário	71	9,4507	1,490	5	0,193				
	Ensino secundário	79	7,1392							
	Ensino médio	107	9,8318							
	Ensino superior	35	5,6000							
	Pós-graduação	3	4,3333							
	Mestrado	4	20,0000							
Estado civil:	Solteiro	68	8,3824	0,285	3	0,836				
	Casado/união de facto	176	9,0114							
	Divorciado/separado	41	8,2683							
	Viúvo	14	5,7857							
Profissão:	Funcionário público	52	7,8462	1,607	10	0,104				
	Doméstica	29	9,6207							
	Negociante	48	7,2083							
	Estudante	39	9,3846							
	Mecânico	10	1,2000							
	Enfermeiro	25	12,2400							
	Professor	65	9,0615							
	Electricista	7	3,0000							
	Pedreira	10	6,4000							
	Empregada doméstica	6	23,3333							
	Motorista	8	5,6250							
	Residência:	Meio rural	154				10,6499	3,929	2	0,021
		Meio urbano	62				6,1129			
Periferia		83	6,7108							

A tabela 18 só a variável meio rural é significativa.

CAPITULO IV. DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objectivo geral avaliar a prevalência de cada um dos comportamentos de violência conjugal na amostra, bem como comparar os resultados de acordo com variáveis demográficas.

Sendo assim a prevalência de violência nas relações actuais , como ofensor sobressai com percentagens superiores a 20% de respostas mais do que uma vez onde os inquiridos mostram, que os tipos de violência com mais prevalência, tanto em relações actuais como ofensor, quer como vitima , são insultar de famar com (25,8%) dar uma bofetada com (23,5%) impedir o contacto com outras pessoas, (30,2%) forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra sua vontade (20%),o presente estudo reforça a afirmação de(Matos ,2001,Loureiro & Carvalho, 2001) onde caracterizam a violência conjugal como sendo um fenómeno multidimensional, de conduta , sobre o companheiro ou companheira ,em que a mesma pode ser representada através de maus tractos, físicos, psicológicos, ou emocionais, verbais e até sexuais.

De acordo com Méjia, Osório, e Artur (2004) violência contra as mulheres, e dominação de género, parece ser um facto. Pós a acção violenta sobre as mulheres se expressa através do controlo masculino, maus tractos e outros. O presente estudo reforça esta afirmação na medida em que em relação ao género , em relações actuais, foi encontrado um índice de violência física e emocional, maior no sexo masculino, como ofensor. Neste sentido verificou-se igualmente que estes tipos de violência física emocional, teve uma incidência maior no sexo feminino como vitima. Ainda com relação ao género , o estudo detectou que em relações passadas , os homens apresentam valores elevados de vitimação com relação a violência emocional. Segundo Yllo (1993) homens e mulheres experimentam violência de maneira diferente porque estão situados dentro de uma sociedade onde existe diferenças de género, e as consequências da violência são diferentes para o homem ,e para a mulher.

Segundo Gomez a alta violência é sempre feita do homem para a mulher começando com palavras machistas, num círculo sempre de violência emocional, física, e sexual. No presente estudo pode-se verificar a existência de diferenças significativas de género para todos aspectos, tanto em relações actuais como vítima e ofensor, e em relações passadas como vítima e ofensor. Sendo que os homens apresentam médias superiores (média =6,47) em relação as mulheres (média =1,53).relativamente a violência físicas nas relações actuais como vítima as mulheres apresentam médias superiores (média = 9,14) em relação aos homens (média =1,75). Já em relação a violência física em relações passadas, como ofensor os homens apresentam médias superiores, (média=9,51) em relação as mulheres (4,96), Já na violência emocional nas relações passadas como ofensor as mulheres apresentam médias superiores (média =4,48) em relação aos homens (média =1,58),na violência física nas relações passadas como vítima as mulheres apresentam médias superiores(média =8,31)em relação aos homens(média =2,64), finalmente na violência emocional nas relações passadas como vítima , há diferenças significativas , sendo que os homens apresentam médias superiores(5,02)em relação as mulheres (média=2,71).

Retratando sobre a violência contra as mulheres e crianças, Mégia, Osório, e Artur (2004) defendem que o facto de ser homem ou mulher (sexo) aparece como um factor importante no desenvolvimento da violência contra a mulher. Os resultados destes estudos, são mais abrangentes em relação a este aspecto, considerando que, as diferenças entre géneros foi estatisticamente significativa, para todos os subtipos de violência conjugal tanto nas relações passadas, como actuais e como ofensor ou como vítima.

Segundo o MINFAMU (2007) a violência doméstica aparece muitas vezes associada a violência doméstica entre os casais ou pessoas que vivem em união de factos.

O presente estudo corrobora com estes dados considerados que o estado civil(casado/ união de facto) foi também estatisticamente significativo para a violência conjugal, tanto nas relações actuais de vitimação como ofensora. assim sendo, o grupo de casados / união de factos (media=8,1681) e divorciados/separados (media =7,699)apresentam valores elevados do que os viúvos.

No presente estudo a variável residência foi estatisticamente significativa para a violência nas relações passadas quer como agressor, quer como vitima, assim como estatisticamente significativa para violência emocional nas relações actuais de vitimação. Isto quer dizer que as mulheres (como vitima) são mais violentadas do ponto de vista emocional. Estes dados realçam o ponto de vista de Osório et al. (2001) quando afirma que a violência psicológica ocorre com maior frequência, tanto em mulheres como nos homens, no que diz respeito as relações passadas como ofensor quer como vitima , encontrou-se apenas resultados significativos na variável residência com(media=0,021) respectivamente (media=0,021).

No que se refere a idade a faixa etária entre os 17 e 25 anos , as vitimas do sexo feminino, são as que recebem um maior número de agressões e representam a maior percentagem em termos de violência (Méjia, Osório, & Artur,(2004) . No presente estudo a faixa dos 26 a 35 anos representam , a maior média de violência (media =8,92) em relação aos restantes, aparece de forma estatisticamente significativa nas relações actuais ofensores . O que permite aferir que a acção de violência é exercida com maior frequência na faixa etária mas jovem ,isto é dos 18 aos 35 anos.

CONCLUSÕES

Tendo em consideração os objectivos traçados, as questões formuladas e a metodologia usada neste trabalho, pode-se concluir que, à luz da realidade Angolana, o I.V.C constitui um instrumento que se caracteriza pela sua viabilidade e pertinência na avaliação da violência conjugal.

A realização deste estudo permite dizer, que em termos de prevalência de cada um dos comportamentos da amostra, a violência, nas relações actuais como ofensor, é maior em relação como vítima, em quanto que nas relações passadas como ofensor, apresentou um índice inferior na maioria das variáveis, é maior prevalência em relação a insultar, defamar, e dar uma bofetada. A prevalência da violência nas relações como ofensor, é também maior nas variáveis, insultar, defamar, e dar uma bofetada, em termos gerais.

Quanto ao género, verificou-se que a violência é maior no sexo masculino, que no sexo feminino, os tipos de violência que aparecem como mais significativas, na presente amostra é a violência emocional.

Em termos de residência verificou –se que a violência é mais frequente no meio rural...

Os resultados obtidos neste estudo indicam a necessidade de desenvolver esforços, no sentido de se fazer cumprir a lei já estabelecida no país contra a violência conjugal. Assim sendo, uma das vantagens do estudo foi pelo facto de poder-se inquirir no centro de aconselhamento, varias pessoas que acabavam de sofrer vários tipos de agressão justificando assim a bibliografia consultada, outro facto é o de podermos ouvir casos verídicos do dia a dia da investigação criminal, e do piquete do hospital central de Benguela Cubal, Ganda, e.t.c que inriqueceu mais o trabalho, e tendo vindo a confirmar nos resultados obtidos dos inquiridos.

Entretanto, foi constatado que a utilização dos questionários pareceu demonstrar uma ajuda tanto para os inquiridos que muitas vezes já estiveram no lugar de vítima bem como para os técnicos da área mostrando ser uma ajuda para a concencialização do fenómeno.

Com base no alto índice da violência conjugal seria essencial que o governo Angolano continua-se a envidar esforços no sentido de se cumprir a lei contra a violência com objectivo de reduzir o índice da mesma na Província.

Envolver técnicas de outras áreas, do saber tais como da psicologia, sociologia no sentido de poder ajudar na acção educativa e aprofundar o conhecimento do fenómeno.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Amâncio, L. (1998). *Masculino e feminino – a construção social da diferença* porto edições afrontamento.

Anderson, 11. (1997). *Thinking about women: sociological perspectives on sex and gender* new york Macmillan.

Anderson, K. L., & umberson, D. (2001). *Gendering violence: masculinity an Power in mens accounts of domestic violence Gander.*

Machado, C. (2004). *Crime e insegurança discursos do medo imagens do outro* . Lisboa editorial noticia.

Machado, C., & Dias, A. R. (NO PRELO). *Cultura e violência: uma revisão crítica da literatura revista brasileira de informação bibliografia em ciências sociais.*

Mejia, M., Osório, C., & Artur, J. M. (2004). *Sofrer caladas violência contra mulheres e crianças, denuncia e gestão de conflitos.*

Nogueira, C. (2000). *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero :feminino e perspectivas críticas na psicologia social Braga fundação colouste gulbonkian.*

Straus, M. A. (1993). PHYSICAL ASSAULT by eds(wives .A major social problem in .r.j Gelles e D.R Iosek (EDS) current controversies on family violence(pp.67-87) newbury park ca: sage.

Straus, A. M., Gelles, J. R. E., & STEIN, M. Z. K. S. (1980). BEYOND CLOSED DOORS. Violence in the AMERICAN family NEW YORK ANCHOR PRESS.

YILLO, K. (1993). THROUGH a femininiste lens; GENDER,POWER AND violence .in galles e d.l Iosekel(eds) currend conbro versies on family violence(pp.47-62) NEW BURY,PARK,CA.

Global voices português Angola, aumento da violência doméstica ou conscientização Janeiro 29, *JORNAL DE ANGOLA*, OUTUBRO 2010.

RAVAZZOLA (ORG). *Historias infames los maltratos en las relaciones (pp89105) buenos aires: ed paidas silva e-c.* (2006). O AGRESSOR SEXUAL DE CRIANÇAS NO CONTEXO SOCIO- JURIDICO. *Monografia de conclusão do curso de serviço , Universidade Brasília.*

Miguel Angel Nunez, M. A. (2010). *Amores que matam , drama da violência contra mulher.*

MINFAMU. *Estratégias e programas quadro estratégico para a promoção da igualdade do género, ate ao ano de 2002.*

ANGOLA. (1997). Estudo sobre a violência contra a mulher. *RELATORIO*, LUANDA JUNHO DE 1997.

MINFAMU,FNUAP,E UNIFEM, *notas sobre violência na família preparado, pela unidade de estatística e pesquisa*, LUANDA JULHO DE 2000.

ANEXOS

Anexo -1



ESPEDICIONÁRIO DE PEDIDOS DE APROVAÇÃO DE TRABALHOS DE PESQUISA

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO

Benguela, 02 de Fevereiro de 2011

Vimos por este meio solicitar a colaboração da vossa instituição para a realização da componente prática do mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, promovido pela CESPUP sob a orientação do docente Professor Doutor José Carlos Caldas.

O trabalho visa avaliar a violência conjugal na província de Benguela. Para tal, solicitamos autorização para que se possam realizar entrevistas aos casais e instituições que concordem em participar no estudo.

Certa de que considerará o nosso pedido com a maior consideração, subscrevemo-nos agradecendo desde já a atenção disponibilizada.

Com os melhores cumprimentos,

CESPUP Formação Angola S.A.
CESPUP
FORMAÇÃO ANGOLA S.A.
INSTITUIÇÃO ORIGINAL

(Márcia Martins de Moura, Dra.)

CESPUP FORMAÇÃO ANGOLA S.A.
SERVIÇO DE PEDIDOS DE APROVAÇÃO DE TRABALHOS DE PESQUISA - BENGUELA - TEL: 252 200 000
AV. DE BENGUELA - 25200 BENGUELA - ANGOLA
www.cespuformacaoangola.com

I. V. C.
(C. NACHADO, M. BATOS & M. LINDAUSCH, 2010, UNIVERSIDADE DE LISBOA)

INSTRUÇÕES:

Vai encontrar de seguida uma conjunção de afirmações em relação a comportamentos que podem ocorrer entre os membros de um casal (ou de uma relação amorosa). Pedem-se que leia atentamente estas frases e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e não como pensa que deveria ser.

Assure-se de que responde a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este inquérito são absolutamente anónimas.

Obrigado pela sua colaboração!

DADOS PESSOAIS

Por favor responda às questões abaixo efectuadas, sem indicar o seu nome.

Idade: _____ Sexo: M F Habitação: _____

Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a) / União de facto Divorciado(a) / Separado(a) Viúvo(a)

Profissão (se for estudante, indicar profissão dos pais ou outros responsáveis): _____

A. EM RELAÇÃO A CADA UM DOS COMPORTAMENTOS ABAIXO INDICADOS, POR FAVOR INDIQUE OS QUE JÁ USOU COM O SEU PARCEIRO(A) ACTUAL E OS QUE O SEU PARCEIRO(A) JÁ USOU CONSIGO. REPORTANDO-SE AO ÚLTIMO ANO. NO CASO DE COMPORTAMENTOS QUE JÁ TENHAM OCORRIDO, INDIQUE SE TAL ACONTECEU APENAS UMA VEZ OU MAIS DO QUE UMA VEZ.

Caso não esteja actualmente envolvido numa relação amorosa, por favor preencha pontos B (pág. 3) deste questionário.

1. Puxar os cabelos com força

a) Nunca fez na minha relação actual	<input type="checkbox"/>	b) Já fez no meu parceiro(a) actual uma única vez	<input type="checkbox"/>	c) Já fez no meu parceiro(a) actual mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
d) O meu parceiro(a) actual nunca me fez	<input type="checkbox"/>	e) O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez	<input type="checkbox"/>	f) O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ver"

a) Nunca fez na minha relação actual	<input type="checkbox"/>	b) Já fez no meu parceiro(a) actual uma única vez	<input type="checkbox"/>	c) Já fez no meu parceiro(a) actual mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
d) O meu parceiro(a) actual nunca me fez	<input type="checkbox"/>	e) O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez	<input type="checkbox"/>	f) O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
3. Dar uma bofetada

a) Nunca fez na minha relação actual	<input type="checkbox"/>	b) Já fez no meu parceiro(a) actual uma única vez	<input type="checkbox"/>	c) Já fez no meu parceiro(a) actual mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
d) O meu parceiro(a) actual nunca me fez	<input type="checkbox"/>	e) O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez	<input type="checkbox"/>	f) O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
4. Apertar o pescoço

a) Nunca fez na minha relação actual	<input type="checkbox"/>	b) Já fez no meu parceiro(a) actual uma única vez	<input type="checkbox"/>	c) Já fez no meu parceiro(a) actual mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
d) O meu parceiro(a) actual nunca me fez	<input type="checkbox"/>	e) O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez	<input type="checkbox"/>	f) O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
5. Ameaçar com armas (p. ex., faca, pistola, objectos cortantes) ou usando de força física

a) Nunca fez na minha relação actual	<input type="checkbox"/>	b) Já fez no meu parceiro(a) actual uma única vez	<input type="checkbox"/>	c) Já fez no meu parceiro(a) actual mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>
d) O meu parceiro(a) actual nunca me fez	<input type="checkbox"/>	e) O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez	<input type="checkbox"/>	f) O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez	<input type="checkbox"/>

1

Anexo - 2.1

5. Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objectos pessoais) ou deixar a comida para o chão, para meter medo

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

7. Acordar a meio da noite, para causar medo

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

8. Dar um murro

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

9. Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, dar as chaves, obrigá-las a deixar de trabalhar/estudar, impedir de sair do caso, cortar o telefone)

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

10. Atirar com objectos à outra pessoa

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

11. Dar uma sova

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

12. Dar pontapiés ou chibçadas

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

13. Dar empunhões violentos

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica (espaldar)

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

17. Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica (espaldar)

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

18. Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

19. Ficar com o salário de outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas

a) Nunca fiz na minha relação actual Já fiz ao meu parceiro(a) actual uma única vez Já fiz ao meu parceiro(a) actual mais do que uma vez
 b) O meu parceiro(a) actual nunca me fez O meu parceiro(a) actual já me fez uma única vez O meu parceiro(a) actual já me fez mais do que uma vez

- 2 -

Anexo - 2.3

11. Dar uma sova

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

12. Dar pontapés ou cabeçadas

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

13. Dar ampuñões violentos

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica (especificar _____)

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

17. Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica (especificar _____)

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

18. Forçar a outra pessoa a manter actos sexuais contra a sua vontade

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

19. Ficar com o salário de outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

20. Grilar ou ameaçar, para meter medo:

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

21. Outros (especificar _____)

a) Nunca fez a um(a) parceiro(a) anterior Já fez a um(a) parceiro anterior uma única vez Já fez a um(a) parceiro anterior mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram Já me fizeram uma única vez Já me fizeram mais do que uma vez

Informação adicional:

1. Caso tenha assinado algum dos conjuntos de apresentados como tendo ocorrido na sua relação actual durante o último ano, por favor indique o tipo de ligação que mantém com essa pessoa:
 Casamento/divórcio de facto Divórcio/separação Ligação actual sem constituição

2. Caso tenha assinado algum dos comportamentos apresentados como ter ocorrido em qualquer relação do seu passado, por favor indique o tipo de ligação que mantém então com essa pessoa:
 Casamento/divórcio de facto Divórcio/separação Ligação actual sem constituição

3. Já manteve alguma relação anterior Nunca manteve uma relação anterior

4